

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA - PPGA**

MAKTOR QUEIROZ DO RÊGO

**OS ESTRANGEIROS SÃO ELES:
REDES DE LAZER, SOCIABILIDADE E EMPREENDIMENTOS ENTRE IMIGRANTES
NO BAIRRO DE INTERMARES – PB**

JOÃO PESSOA

2020

MAKTOR QUEIROZ DO RÊGO

OS ESTRANGEIROS SÃO ELES:

REDES DE SOCIABILIDADE, LAZER E EMPREENDIMENTOS ENTRE IMIGRANTES
NO BAIRRO DE INTERMARES – PB

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia pela Universidade Federal da Paraíba, em cumprimento das exigências para obtenção do grau de mestre em Antropologia, sob a orientação da Profa. Dra. Luciana Maria Ribeiro de Oliveira.



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
Centro de Ciências Aplicadas e Educação (CCAEE)
Centro de Ciências Humanas Letras E Artes (CCHLA)
Programa de Pós-Graduação em Antropologia



Ata da Defesa da Dissertação de Mestrado do Aluno MAKTOR QUEIROZ DO REGO

Aos quatro dias do mês de agosto do ano de dois mil e vinte, às quinze horas, realizou-se por meio da plataforma de videoconferência Google Meet, a sessão pública de defesa remota da Dissertação intitulada: **OS ESTRANGEIROS SÃO ELES: REDES DE LAZER, SOCIABILIDADE E EMPREENDIMENTOS ENTRE IMIGRANTES NO BAIRRO DE INTERMARES – PB**, apresentada pelo aluno **MAKTOR QUEIROZ DO REGO**, licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande e Bacharel em Direito pela universidade Estadual da Paraíba. Que concluiu os créditos exigidos para obtenção do título de MESTRE EM ANTROPOLOGIA, área de Concentração em Antropologia Social, segundo encaminhamento da Profa. Dra. Alexandra Barbosa da Silva, Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPB e segundo os registros constantes nos arquivos da Secretaria da Coordenação da Pós-Graduação. A Profa. Dra. Luciana Maria Ribeiro de Oliveira (PPGA/UFPB), na qualidade de orientadora, presidiu a Banca Examinadora da qual fizeram parte os professores doutores Marco Aurélio Paz Tella (PPGA/UFPB), examinador interno, Marcos Castro Carvalho (UFRGS), examinador externo. Dando início aos trabalhos, A Senhora Presidente, Profa Dra. Luciana Maria Ribeiro de Oliveira convidou os membros da Banca Examinadora para comporem a mesa. Em seguida foi concedida a palavra ao mestrando para apresentar uma síntese de sua Dissertação, após o que foi arguido pelos membros da Banca Examinadora. Encerrando os trabalhos de arguição, os examinadores deram o parecer final sobre a Dissertação, à qual foi atribuído o seguinte conceito: **APROVADO**. Proclamados os resultados pela Profa. Dra. Luciana Maria Ribeiro de Oliveira, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos, e para constar eu, Profa. Dra. Luciana Maria Ribeiro de Oliveira, (Secretária ad hoc) lavrei a presente ata que assino juntamente com os demais membros da Banca Examinadora. João Pessoa, 04 de agosto de 2020.

Maktor Queiroz Do
Rego (Mestrando)

Prof. Dr. Marcos
Castro Carvalho
(Examinador
Externo)

Prof. Dr. Marco Aurélio
Paz Tella (Examinador
Interno)

A handwritten signature in blue ink, reading "Luciana M. R. de Oliveira".

Profa Dra. Luciana Maria Ribeiro de Oliveira
(Presidente da Banca)

Catálogo na publicação Seção de Catalogação e Classificação

R343e Rego, Maktor Queiroz do.

OS ESTRANGEIROS SÃO ELES: REDES
DE LAZER, SOCIABILIDADES E
EMPREENHIMENTOS NO BAIRRO DE
INTERMARES-PB. / Maktor Queiroz do Rego. - João
Pessoa, 2020.
0 f. : il.

Orientação: Luciana Maria Ribeiro de Oliveira Oliveira.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Intermares; Migração; Lazer; Sociabilidade. I. Oliveira,
Luciana Maria Ribeiro de Oliveira. II. Título.

UFPB/BC

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar as redes de sociabilidade, lazer e empreendimentos que se estabelecem entre os moradores do bairro de Intermares, na cidade de Cabedelo (região metropolitana da cidade de João Pessoa) no estado da Paraíba. Esta etnografia pretende relatar como se formam as interações culturais entre duas culturas distintas: A cultura local (nativa) e a cultura dos imigrantes (aqui chamados de estrangeiros). As tensões decorrentes desse “choque cultural” e, conseqüentemente, as teias de interações inerentes a essa realidade, bem como suas conseqüências na formação da identidade do bairro, se constituem como objetos desta pesquisa. Utilizamos, como pressupostos teóricos, contribuições de autores que se filiam aos campos dos Estudos Culturais e da Antropologia Urbana como: Gilberto Velho, Nobert Elias, Stuart Hall, dentre outros, que conceitualizam as noções de identidade e sociabilidade, considerando a pertinência destas concepções no discurso e nas práticas desenvolvidas dentro do grupo de estrangeiros aqui estudados. Abordamos esses grupos e instituições sociais, processos culturais e dinâmica/espacial no contexto urbano contemporâneo, com ênfase nas territorialidades e discussões sobre processos de requalificação urbana, assim como na análise das redes de sociabilidade, empreendimento e lazer. Entendemos que, os “estrangeiros” desempenham um papel extremamente relevante na vida social do bairro, ressignificando sua estrutura econômica e cultural de forma perene. Como corpus, elegemos dados coletados durante observações no campo e, também, gravações em áudio e vídeo feitas durante as imersões na pesquisa em questão. Esta etnografia, basicamente, está estruturada em quatro capítulos, onde discorro sobre o conflito cultural no Bairro de Intermares-PB, que se estabelece entre a cultura nativa e a cultura, que aqui refiro, “estrangeira”. Na primeira parte, tento demonstrar como está organizado e estruturado o bairro, além de abordar sobre os sujeitos da pesquisa. Num segundo momento, descrevo as tensões entre nativos e estrangeiros, analisando as relações que se estabelecem entre os estrangeiros e a cultura local a partir das relações comerciais. Na última parte, tento me aprofundar sobre as questões étnico/raciais e de identidade, para chegarmos à conclusão sobre as profundas alterações culturais introduzidas no bairro em decorrência da presença dos estrangeiros e das suas práticas sociais/culturais/econômicas.

Palavras-chave: Intermares; Migração; Lazer; Sociabilidade; Empreendimentos.

ABSTRACT

This work aims to analyze the networks of sociability, leisure and enterprises that are established among the residents of the Intermares neighborhood, in the city of Cabedelo (metropolitan region of the city of João Pessoa) in the state of Paraíba. This ethnography intends to report how cultural interactions are formed between two distinct cultures: The local culture (native) and the culture of immigrants (here called foreigners). The tensions resulting from this “cultural shock” and, consequently, the webs of interactions inherent to this reality, as well as its consequences in the formation of the neighborhood's identity, constitute themselves as subjects of this research. We use, as theoretical assumptions, contributions from authors affiliated to the fields of Cultural Studies and Urban Anthropology such as: Gilberto Velho, Norbert Elias, Stuart Hall, among others - who conceptualize the notions of identity and sociability, considering the relevance of these concepts in discourse and practices developed within the group of foreigners studied here. We approach these groups and social institutions, cultural processes and spatial dynamics in the contemporary urban context, with an emphasis on territorialities and discussions on urban requalification processes, as well as in the analysis of sociability, entrepreneurship and leisure networks. We understand that “foreigners” play an extremely relevant role in the social life of Intermares neighborhood - permanently resignifying its economic and cultural structure. As a corpus, we chose data collected during field observations and also audio and video recordings made during immersions in the research in question. This ethnography is basically structured in four chapters, where I discuss the cultural conflict in the neighborhood of Intermares-PB that is established between the native culture and the culture, which I refer to here, “foreign”. In the first part, I try to demonstrate how the neighborhood is organized and structured, in addition to addressing the research subjects. In a second step, I describe the tensions between natives and foreigners, analyzing the relations that are established between foreigners and the local culture based on commercial relations. In the last part, I try to go deeper into the ethnic / racial and identity issues, in order to reach the conclusion about the profound cultural changes introduced in the neighborhood due to the presence of foreigners and their social / cultural / economic practices. Keywords: Intermares - Migration - Leisure - Sociability - Enterprises.

Lista de Figura:

Figura 1 – Praia de Intermares - 1970	Erro! Indicador não definido.
Figura 2 - Intermares 1	Erro! Indicador não definido.
Figura 3 - Intermares 2	78
Figura 4 - Intermares 3	Erro! Indicador não definido.

Sumário

I - INTRODUÇÃO	8
1.1 - Chegando ao bairro.....	12
1.2 - Caminhos incongruentes e o método da pesquisa	14
2. O BAIRRO DOS ESTRANGEIROS	22
2.1 - O comércio.....	22
2.2 - Os estrangeiros.....	26
2.3 - Estrangeiros versus nativos (Choque Cultural).....	31
3. A QUESTÃO IDENTITÁRIA	36
3.1 – Conceito de identidade.....	36
3.2 - Raça e classe	39
4. OS ESTRANGEIROS SÃO ELES	48
4.1 - A simbologia do estrangeiro (não pertencimento)	48
4.2 - Uma questão temporal.....	61
4.3 - Distopia Urbana	70
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	81

I - INTRODUÇÃO

*Intermares é a copacabana da Paraíba*¹

As ruas do bairro de Intermares na cidade de Cabedelo-PB refletem uma incontestável calma interiorana, o tempo parece desacelerar quando se chega por aqui. O tráfego lento, a ausência de semáforos, poucos transeuntes, as lojas do comércio funcionam em ritmo cadenciado - sem pressa. O calçamento dá certo charme à paisagem repleta de coqueiros que encobrem o mar do macaco. Toda essa sonolência cotidiana, só é quebrada pela horda de surfistas que se aglomeram em busca das ondas.

No entanto, por detrás dessa aparente homogeneidade existente no bairro, existe uma contradição que se desencadeia de forma velada entre os moradores nativos do bairro e daqueles a quem me referirei nesta pesquisa como estrangeiros (explicarei adiante). A questão da territorialidade se faz muito forte no contexto desta pesquisa, assim também como a questão da identidade. O estrangeiro é visto, e sentido, como alguém absolutamente móvel. Não se encontra vinculado, organicamente a nada e nem a ninguém.

Durante o meu trabalho de campo presenciei por inúmeras vezes os conflitos oriundos dos contrastes que se materializam na disputa da narrativa do pertencimento e domínio do território. O nativo que, para os interesses desta pesquisa, definirei como sendo aquele que tem na esfera civil sua naturalidade determinada pelo local do nascimento, ou seja, o indivíduo que tenha a naturalidade paraibana, em decorrência da identidade cultural que lhes são concernentes. Os meus interlocutores nativos formam uma verdadeira miscelânea, todavia a maioria é composta por homens e mulheres brancos de classe média alta, moradores do bairro desde tempos remotos. As idades também variam bastante, dialoguei com pessoas de basicamente todas as faixas etárias. Entretanto, penso ser importante salientar a proeminência dos homens idosos nos relatos sobre as origens do bairro, sobre sua formação e identidade.

Por sua vez, os estrangeiros serão considerados como aquelas pessoas oriundas de outras regiões do país, que se instalaram de forma permanente ou provisória nesta localidade, formando assim um corpo social que se distingue da comunidade nativa em todos os seus traços culturais. Quando iniciei esta pesquisa com os moradores do bairro de Intermares,

¹ Frase proferida por um Juiz Federal aposentado morador do bairro de Intermares.

resolvi chamar os meus interlocutores imigrantes de estrangeiros em decorrência do fato deles virem de outras regiões do país. Em sua maioria, os que classifico aqui como “estrangeiros”, são pessoas oriundas dos estados de São Paulo e do Paraná, logicamente que o círculo de estrangeiros não se fecha nesse grupo, outras pessoas que fazem parte deste estudo são de outras regiões do país e alguns são de outros países, a estes chamo de “gringos” para usar um termo comum no linguajar popular local e para diferenciar os primeiros dos segundos. Entretanto, todos se enquadram na categoria de estrangeiros, segundo a abordagem que pretendo manter no decorrer deste trabalho.

O choque entre essas duas culturas é o problema desta pesquisa. Os fatores desagregadores e geradores de conflitos e tensões entre esses dois sistemas culturais norteará o rumo da pesquisa em tela. O estrangeiro, por sua natureza, não é proprietário do solo, e o solo não é compreendido somente no sentido físico, mas também, como uma substância delongada da vida, que não se fixa em um espaço específico, ou em um lugar ideal do perímetro social (SIMMEL, 2005).

Quando se pensa na etnografia neste tipo de campo, pode-se ter a impressão de que a pesquisa segue uma linearidade objetiva. Não é este o caso. Esta pesquisa se desenvolveu num campo extremamente heterodoxo, não sigo as narrativas de forma linear. Muito do que descrevo, me foi apresentado de forma descontínua, muitos véus precisaram ser desnudados em muitas idas e vindas ao campo (que, por muitas vezes, pareciam infrutíferas). Os insights, às vezes, se revelavam na escuridão da alcova, enquanto tinha o estômago embrulhado pela mistura indigesta do álcool e do teor das idiossincrasias dos meus interlocutores.

Concebo esta dissertação como sendo fruto de um trabalho assimétrico, muitas das reflexões presentes nela são originárias de uma tensão que se manifesta quando o pesquisador se identifica com o grupo pesquisado. Em certo grau, existiu no transcorrer da pesquisa uma “iniciação”, onde fui introduzido como um do grupo. Esta aceitação gerou-me certo desconforto e, ao mesmo tempo, facilitou o trabalho de campo. No meu caso específico, eu como nativo (paraibano) me vi, em muitas circunstâncias, tendo que dialogar comigo mesmo sobre determinados valores culturais que me eram inerentes e, tive que me confrontar diversas vezes com o sentimento de estar sendo colonizado pelos meus interlocutores.

Ser aceito no grupo de estrangeiros me custaria em diversas ocasiões a minha própria identidade cultural. Embora, nas sociedades modernas, certos aspectos culturais sejam generalizados, universalizados, o que, por um lado, facilita a interação social entre grupos distintos, por outro, também dificulta. Nestes termos, nas sociedades modernas, ao contrário

do que acontece nas sociedades tradicionais, o conflito é constante, pois os indivíduos têm interesses distintos e um desejo insaciável de satisfazê-los.

A questão de classe estará muito presente nesta dissertação. Ao mesmo tempo que os traços culturais distinguem os grupos aqui estudados, a questão de classe, em muitas circunstâncias, cria elos entre os dois grupos, assim como também cria dissoluções. A classe social aparece aqui como um fator agregador (embora tensionado) entre nativos e estrangeiros.

Sem dúvida, o patrimônio ou a cultura em comum de um determinado grupo de pessoas, as aproximam mais do que as suas próprias relações com os seus conterrâneos de estratos sociais inferiores. Num caso está se falando em uma categoria social e no outro em interações entre indivíduos, que não chegamos a perceber ou definir como uma categoria. O fato de dois indivíduos pertencerem à mesma sociedade, não significa que estejam mais próximos do que se fossem de sociedades diferentes (VELHO, 2002).

Logo que se chega ao bairro de Intermares, tem-se a noção de se estar entrando em um lugar do imaginário comum da classe média. Uma praia, de certo modo distante do cotidiano da cidade, voltada para a prática do *surf* e para o usufruto de uma vida recreativa. Tem-se a ideia mesmo de uma praia de veraneio. Antes de residir por aqui era o que sempre me chegava como referência - um lugar distante, pouco habitado e que era frequentado apenas por veranistas.

A impressão primeira, quando se chega nesse bairro, até parece confirmar o que sua fama aduz, mas basta uma pequena estadia e se percebe que existe uma vida pulsante dentre suas ruas e avenidas com nomes de mares, tal como a sua principal avenida, a Oceano Atlântico, que tem como paralela, a avenida Oceano Índico. Aquela impressão de lugar desabitado e veranista logo se desfaz, mais do que isso, percebe-se que existe um cotidiano bastante complexo e uma rede de interações que foge às regras organizativas dos bairros “tradicionais” da região metropolitana da cidade de João Pessoa.

O primeiro “estranhamento” que vivenciei foi exatamente no prédio onde vim a residir, quando do início de meu mestrado, visto que sou do interior da Paraíba (Campina Grande). Logo, percebi que a configuração deste prédio se diferenciava da maioria dos prédios do bairro (embora existam vários com esta mesma configuração). No prédio, estilo *flat*, com quatro andares que, na realidade, apenas recebe o nome de *flat* pois, a forma de sua

organização foge a esta finalidade². No entanto, o edifício em tela não possui a prestação de serviços, sendo o termo *flat* aqui utilizado apenas formalmente, um malabarismo para facilitar a burocracia estatal no momento da construção e venda. Tive oportunidade de conversar com o engenheiro que projetou o prédio e ele me falou de certas peculiaridades do edifício. Por exemplo: a área que hoje é utilizada como cobertura, inicialmente teria sido projetada para ser um restaurante - exatamente para cumprir com a finalidade de prestação de serviços que caracteriza os Flats. Em resumo, o prédio foge às características de um *flat* e tem a rotina de um edifício comum, exceto por algumas peculiaridades.

Percebi que a maioria dos moradores fixos (muitos apenas alugam por diárias) tinham algumas características em comum - pessoas já com certa idade, alguns aposentados e em sua maioria solteiros - embora não seja a regra, pois existem algumas poucas famílias (casais sem filhos) que são residentes também. Esta forma de organização do prédio me pareceu extremamente singular: a ausência de crianças e o fato da maioria dos moradores não manterem um relacionamento marital, quebra com a premissa de um prédio familiar, embora o discurso de ser um “ambiente de família” está sempre presente entre os moradores. Foi assim que fui recebido, todos falavam em uníssono quando dos meus primeiros contatos na área de lazer do prédio: “este é um prédio de família”.

A afirmação de ser um prédio de família tem uma conotação que nos remete à uma lógica burguesa, patriarcal, machista, homofóbica e racista. Na realidade, esta afirmação demonstra que aquele ambiente é, exclusivista, segregacionista e que, as regras e normas que regem os condôminos não assimilam as diferenças, os diferentes. Embora os moradores do prédio não possam se enquadrar no “conceito tradicional de família”, ou seja: pai, mãe e filhos, como descrevo abaixo, os comportamentos e formatações divergentes não são muito bem assimilados nesse ambiente.

Evidente que a conotação de família já não é a mesma nesses tempos pós-modernos. Os poucos casais residentes no prédio não têm interesse em ter filhos. Os demais, são divorciados e apenas recebem esporadicamente a visita de filhos e netos, mas essas visitas são raras e todos reclamam do “desamor” dos seus descendentes. Não deixa de nos parecer um abandono no paraíso. A solidão se associa ao uso frequente do álcool por parte dos moradores.

²Os prédios construídos com a finalidade de serem flat services ou apart-hotéis surgiram no Brasil em meados da década de vinte e se popularizaram em meados da década de oitenta. São construídos para utilização mista, isto é, podem ser ocupados tanto por moradores permanentes, que se utilizavam dos serviços de hotelaria, quanto destinados ao aluguel temporário, como em um hotel. A ideia da venda de serviços para quem não dispõe de tempo para os cuidados com a casa é a característica principal deste tipo de imóvel.

Logicamente que os condôminos não são homogêneos, existem duas famílias evangélicas no prédio. Um casal de senhores da terceira idade que recebem os netos aos domingos, o que acaba por quebrar com o silêncio e a monotonia da semana. O domingo se torna um dia alegre, ao menos no segundo andar, o cheiro da comida caseira sendo feita, aliada à barulhada dos *enfants* me remete aos meus tempos de infância. O domingo realmente é um dia alegre para estes moradores e a alegria deles me contamina em demasia. Acabei por mudar para o primeiro andar e, às vezes, ainda subo ao segundo sorrateiramente aos domingos me deixando contagiar, por um milésimo de segundo, com a energia daquelas pessoas.

O outro casal reside na “cobertura” e organizam encontros às terças-feiras, vários evangélicos se reúnem para a celebração do culto. Estes encontros incomodam outros moradores que reclamam do barulho feito pelos crentes. Tive a oportunidade de ir a um desses cultos, nada difere do que acontece nas igrejas evangélicas de matriz batista, exceto que, em certa altura do culto, eles começam a falar em línguas, entrando numa espécie de transe.

Participei de algumas reuniões de condomínio e o assunto do culto sempre volta à tona, inclusive houve um abaixo-assinado para que fosse proibida a sua celebração, mas por falta de quórum, a demanda não obteve êxito e as reuniões continuam ocorrendo e sendo motivo de conflitos. Logicamente, a intolerância religiosa se manifesta em alguns dos discursos de moradores que se indispõem com a realização do ritual, demonstrando que o problema não reside no barulho em si, mas na manifestação de uma fé diversa da dos reclamantes.

1.1. Chegando ao bairro

Deixei o interior do estado, mais precisamente a cidade de Campina Grande, pouco depois de receber o diagnóstico de depressão e ansiedade, este fato me levou a um afastamento temporário das funções que exercia como professor efetivo da disciplina de sociologia na rede estadual de ensino. O afastamento se delineava como uma possível aposentadoria, entretanto, não quis me entregar a este destino e vi na possibilidade de continuar estudando, uma forma de escapar do ostracismo ofertado pelo psiquiatra. Feita a seleção e tendo obtido êxito, era hora de decidir onde morar, conversei com diversos amigos sobre o melhor local, para estabelecer minha residência. Em sua maioria, as pessoas me

sugeriram como local ideal para os meus propósitos, os bairros no entorno da Universidade, mas, contrariando a todos, decidi residir em uma localidade distante, escolhi o bairro de Intermares – que está localizada a dezessete quilômetros de distância da Universidade Federal da Paraíba, na vizinha cidade de João Pessoa. O fato de ter alguns parentes que residem no bairro me dava, de certo modo, um conforto e certa familiaridade, o que me pareceu muito interessante, especialmente diante da minha condição de saúde. Também me atraía ao bairro, seu clima interiorano e “anti-urbano”, me parecia uma fuga perfeita adotar este lugar como meu habitat, distante dos problemas que me levaram ao declínio da saúde. Morar defronte para o mar – acordar com o barulho das ondas, sentir a brisa, na calmaria de uma praia de veraneio, me daria a tranquilidade necessária para desempenhar adequadamente o meu papel de estudante do mestrado e, ao mesmo tempo, trabalhar minha mente para o retorno ao exercício das minhas funções. Dessa maneira decidi residir nesse bairro e aluguei uma pequena quitinete (kitchenette) no edifício Evidence Praia Mar Flat, prédio localizado no final da Avenida Oceano Atlântico, logo no fim do calçadão da praia, de frente para o mar. Onde passei a residir desde fevereiro de 2018, ano de ingresso no curso de mestrado em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba.

Minha pretensão em residir em um bairro tão distante da Universidade, era tentar esquecer um pouco do corre-corre dos bairros mais centrais. Evidente que o imaginário de estar em uma praia, com todas as suas opções de lazer, coadunava com os meus anseios. O bairro de Intermares tem uma forte vocação turística, existem muitos edifícios que servem como apart-hotéis, há poucas pousadas e apenas um hotel no bairro, portanto para aqueles que querem conhecer esta parte da zona metropolitana da cidade de João Pessoa, a modalidade de locação de flats é a mais propícia para se ter uma estadia. Geralmente as pessoas que locam *flats* nessa praia estão à procura da tranquilidade e calmaria que o bairro oferta e, muitas vezes, relatam a busca da prática de alguns esportes radicais, tais como: o *surf*, o *kitesurf*, o *paraglider*. Essas pessoas que buscam esses esportes de aventura, fazem apenas uma parada rápida no bairro, tendo este como ponto de apoio, por conta da sua infraestrutura e suas qualidades, mas, elas também buscam outras praias que ficam nas proximidades e que apresentam características (inclusive melhores) para a prática desses esportes, como por exemplo: as praias de Barra de Camaratuba e a praia da Pipa.

Nas conversas que tive com os meus interlocutores comecei a perceber que as pessoas buscavam o bairro como um refúgio do mundo cristalizado na cidade grande, fugir das intempéries das grandes cidades, do trânsito, da poluição, etc. Uma espécie de aventura

paradisiaca, morar na praia é o sonho comum que se realiza quando se vem para este recanto da cidade: a procura de uma vida longe da agitação e do *stress* da cidade. Essa constatação de que as pessoas vêm aqui residir em busca de “prazer”³ se confirma nos discursos dos meus interlocutores de diversas formas. Essa procura pelo prazer oculta também um desejo segregacionista. A busca dos estrangeiros é pelo lugar e não pelas pessoas. Eles empenham-se em reproduzir o seu habitat originário, em uma região diferente da sua, que lhes proporcionam as benesses que não podem ser encontradas na sua localidade. Buscam um clima diferente, belezas naturais diferentes, mas negam as pessoas e as culturas nativas. Reproduzem seu ambiente o máximo possível e se fecham em colônias para simular a familiaridade de casa em um ambiente alheio.

1.2. Caminhos incongruentes e o método da pesquisa

Quando do meu ingresso no curso de mestrado em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba, o meu projeto apresentado à banca da seleção, estava relacionado a uma outra linha de pesquisa dentro do mestrado: políticas sociais e desenvolvimento. Meu intuito era discutir em minha dissertação o acesso das pessoas com deficiência à educação inclusiva.

Logo no primeiro semestre fui realocado para uma outra linha de pesquisa que seria mais adequada à construção do meu texto: Corpo, saúde, gênero e geração. Entretanto, ainda no primeiro semestre havia pagado uma disciplina que me chamara bastante a atenção, chamada: subversão e violência urbana. Nessa época já estava fascinado com a formatação do bairro onde vim a residir. Os textos abordados na disciplina realmente pouco tinham ligação com o meu projeto de ingresso no mestrado, inclusive fui orientado a não me matricular na disciplina pois esta não teria um *link* concernente com o meu trabalho. De toda forma, acreditei que me poderia ser útil o curso. Fui especialmente atraído pelo referencial bibliográfico. Alguns autores eu conhecia superficialmente, outros nem assim. Resolvi encarar o desafio.

O curso de subversão e violência urbana me colocou em contato direto com a antropologia urbana, esse novo universo me pareceu extremamente promissor, me sentia mais

³ Refiro-me aqui ao prazer de usufruir de uma vida voltada ao lazer e ao ócio. Grande parte dos moradores do bairro são pessoas aposentadas. E, mesmo os que buscam a localidade para trabalhar, relatam o prazer de estarem trabalhando com vista para o mar, num cenário paradisíaco. O hedonismo está presente na fala tanto dos que ainda estão na ativa, quanto na fala dos inativos.

“antenado” com a “antropologia em casa”. Estudar o meu próprio microcosmos me deixou bastante excitado. A Antropologia, como a conhecemos, surge em um contexto comum caracterizado pelo encontro colonial, trata-se de uma intensa discussão filosófica e ontológica que tem como pano de fundo a alteridade. O que alguns autores que apontarei durante esse texto apresentam, e o que os caminhos de minha pesquisa me levam a propor, é a antropologia do “nós”. Voltamos o olhar para o que antes não se constituía objeto da antropologia, sob as bases do método etnográfico, pois o que caracteriza a disciplina não é o seu objeto, mas o método (LEVI-STRAUSS, 1962).

A ideia de construir uma etnografia de “dentro para fora” me pareceu excepcional. Não teria mais que fazer o percurso clássico da antropologia. Não estudaria o outro, o exótico. Estaria estudando a minha própria cultura, estranhando-a. Ao se fazer trabalho junto de uma sociedade urbana-ocidental, no familiar. A dificuldade se encontra no ‘como fazer o estranhamento’, já que na saga heroica, longe de casa, ele ocorre quase que automaticamente. Como então estranhar a própria cultura? Essa reflexão pode suscitar outras problematizações que nos levam a um questionamento: A qual cultura pertenceria o antropólogo?

No nosso caso, o estranhamento é duplo e ambíguo, uma vez que estudamos a nossa própria cultura em contraposição a uma cultura que nos é alienígena e, no entanto, ao mesmo tempo, nos remete a uma identidade maior que é a identidade nacional. Daí sermos estrangeiros em nossa própria terra e, também enxergamos como diferentes ou estrangeiros nossos próprios compatriotas de outras regiões.

Nativos e estrangeiros, no que concerne aos conceitos aqui formulados comungam de uma mesma identidade nacional. Usufruem dos mesmos estatutos jurídicos que os tornam concidadãos, entretanto são diferentes e se repelem culturalmente gerando uma tensão dissociativa que, inclusive, corroboram com o risco de fragmentação territorial. Não ficaram no passado os clamores separatistas. O Brasil tenta se construir, os brasis não se veem nesse projeto.

A condição de homem exige que o indivíduo, embora exista e aja como um ser autônomo, faça isso somente porque ele pode primeiramente identificar a si mesmo como algo mais amplo - como um membro de uma sociedade, grupo, classe, estado ou nação, de algum arranjo -, ao qual ele até pode não dar o nome, mas que ele reconhece instintivamente como seu lar. (HALL, 2005).

Essa construção da identidade por parte do grupo de estrangeiros aqui estudados se dá de forma negativa. Eles negam a cultura local se auto afirmando, portanto, como superiores,

em decorrência da sua origem cultural e étnico/racial. Nesse caso, o grupo estabelecido, ou seja, os nativos passam a figurar como *outsiders*, devido aos estigmas impostos pelos grupos de estrangeiros. Os nativos, como já dissemos, são vistos como pobres, não brancos, deseducados, etc. O grupo de estrangeiros se pensa como humanamente superior em decorrência de sua origem étnico/racial. Recusando-se a qualquer forma de contato social com os nativos, excetuando-se as necessárias, em decorrência das relações profissionais.

Diferentemente do que acontece no caso de Winston Parva estudado por Norbert Elias e John Scotson, onde a questão da antiguidade de pertencimento ao território se faz como critério para a construção do segregacionismo. No nosso caso, ocorre o inverso referente a este critério. Entretanto, embora possa variar muito a natureza das fontes de poder em que se fundamentam a superioridade social e o sentimento de superioridade humana do grupo estabelecido em relação a um grupo de fora, a própria figuração estabelecidos/outsiders mostra, em muitos contextos diferentes, características comuns e constantes (ELIAS, 2000).

Interessante notar que, em Intermares, o grupo de fora é que exerce a coerção segregacionista. Os estabelecidos são colocados para fora das relações, excluídos da vida social usufruída em comum pelos de fora (os estrangeiros). Através do processo de estigmatização dos nativos como inferiores, os estrangeiros de forma sub-reptícia constroem/estabelecem uma relação hierárquica com eles. Poucos são os nativos que reagem a essa imposição, assimilando de forma passiva a exclusão imposta. Dê-se a um grupo uma reputação ruim e é provável que ele corresponda a essa expectativa (ELIAS, 2000).

Os estrangeiros se colocam como pertencentes a um país (região do país) que remete a uma estrutura cultural europeia. O Nordeste, o nordestino, o paraíba, o baiano - são espaços e sujeitos que remetem a uma colônia não branca, não europeizada e, por isto mesmo, exótica, colonizável. Os estrangeiros demonstram em suas práticas entender esse território como seu para a exploração, mas não para a comunhão. Não se sentem estrangeiros, são brasileiros, porém, não se sentem irmanados com os nativos, enxergando-os como inferiores.

Deste modo, criam de forma proposital uma auto-imagem de não pertencimento, de distanciamento cultural e étnico/racial tão profundo que nos leva a enxergá-los como estrangeiros. Importante destacar que, na fala dos estrangeiros, está sempre presente uma pretensão supra nacionalidade européia. Se colocam de forma como se não fossem brasileiros. São sempre italianos, alemães, etc. Esse discurso me levou a formular o título deste trabalho. Os estrangeiros são eles. Tais estrangeiros se colocam não apenas acima da cultura regional

nativa, aqui abordada, mas também em certo grau, enxergamos nesse discurso a própria negação de ser também brasileiro.

As identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas, e transformadas, no interior da representação. Nós só sabemos o que significa ser "inglês" devido ao modo como a "inglesidade" (Englishness) veio a ser representada - como um conjunto de significados - pela cultura nacional inglesa. Segue-se que a nação não é apenas uma entidade política, mas algo que produz sentidos, um sistema de representação cultural. As pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação, elas participam da ideia da nação tal como representada em sua cultura nacional. Uma nação é uma comunidade simbólica e é isso que explica seu "poder para gerar um sentimento de identidade e lealdade" (HALL, 2005).

Podemos dizer que o meu trabalho de campo se compôs basicamente de dois momentos distintos: O primeiro, como narrado acima, surge no momento do meu estranhamento com o bairro de Intermarens e se intercala com o curso de subversão e violência urbana. Já nessa época, fazia minhas anotações a respeito do bairro e do prédio. Já começava a engatinhar na minha etnografia mesmo nesse período. De certo modo, me faltava coragem de largar a pesquisa originária. A antropologia urbana representava um novo mundo. Teria que começar do zero. Um verdadeiro desafio, que ousei aceitar. O campo me abraçava. Posso afirmar que o campo se mostrou para mim, em toda sua riqueza e, isso foi crucial para a decisão de ingressar nesta jornada.

O segundo momento se dá com a formalização da minha mudança de rumo perante a academia, daí por diante, comecei de fato o trabalho etnográfico. Comecei por fazer algumas entrevistas. Tive bastante dificuldade a princípio. Minha falta de tato fazia com que eu me interpusesse a todo instante nas falas dos meus interlocutores, devido a esta prática errônea, me senti na obrigação de refazer boa parte das minhas entrevistas. Em seguida, esbarrei em um outro problema. Neste período gravava minhas entrevistas através do celular, logo descobri as limitações desse método e passei a utilizar uma câmera de mão (*handcam*). A partir de então, as entrevistas começaram a fluir de forma mais espontânea e passei a me colocar definitivamente como um espectador. Precisamos ter alguma ideia da atividade produtiva que está por trás do que as pessoas dizem e, portanto, das próprias relações entre elas e o que foi dito. Sem saber como suas próprias palavras lhe “pertencem”, não podemos saber o que fazemos ao nos apropriar delas (STRATHERN, 2017).

Essa percepção descrita acima vale como uma autorreflexão crítica durante o processo etnográfico. Até que ponto o que nos é familiar, é conhecido? Apesar de estar fazendo uma antropologia em casa me deparei com as não-familiaridades. Muitos atores sociais nos passam despercebidos em nosso cotidiano. Topamos todos os dias com empregadas domésticas, operários e empresários, mas não sabemos, por exemplo, qual a sua crença, qual a visão de mundo de cada grupo, ou mesmo de cada indivíduo, ou seja, podemos genericamente dizer que compartilhamos de uma mesma cultura, mas sem conhecê-la (s) em sua profundidade antropológica (VELHO, 2004).

Magnani (2006), em *“De Perto e De Dentro”*, ressalta a possibilidade da prática da etnografia, ao trazer uma abordagem do interior da metrópole, do “nativo em carne e osso”, de revelar aspectos da cultura urbana invisibilizados pelas abordagens “de fora e de longe”. A familiaridade com o objeto tende a dificultar o trabalho de pesquisa, pois os atores sociais e suas posições já estão previamente alocados em nossas concepções, mas é no processo de relativizar o familiar para estranhá-lo que se concebe a prática antropológica do “nós”.

Nesse sentido, esta etnografia representou um grande desafio, pois, mesmo estudando o “nós”, o bairro onde resido, os meus vizinhos, etc., a abordagem da minha pesquisa, ao mesmo tempo que se voltava para dentro, para a cultura local, nativa, tinha como sujeito o “outro”, o que vem de fora - os estrangeiros.

É comum a afirmação de que o método etnográfico é aquele que diferencia as formas de construção de conhecimento em antropologia em relação a outros campos de conhecimento das ciências humanas. De fato, o método etnográfico encontra sua especificidade em ser desenvolvido no âmbito da disciplina antropológica, sendo composto de técnicas e de procedimentos de coletas de dados associados a uma prática do trabalho de campo a partir de uma convivência mais ou menos prolongada do pesquisador junto ao grupo social a ser estudado. A prática da pesquisa de campo etnográfica responde, pois, a uma demanda científica de produção de dados de conhecimento antropológico, a partir de uma inter-relação entre o pesquisador e o(s) sujeito(s) pesquisados que interagem no contexto recorrendo primordialmente às técnicas de pesquisa da observação direta, de conversas informais e formais, as entrevistas não-diretivas, etc.

A pesquisa etnográfica, constituindo-se no exercício do olhar (ver) e do escutar (ouvir), impõe ao pesquisador um deslocamento de sua própria cultura para se situar no interior do fenômeno por ele observado, através da sua participação efetiva nas formas de sociabilidade, por meio das quais a realidade investigada se apresenta. O método etnográfico

consiste num mergulho profundo e prolongado na vida cotidiana desses Outros, que queremos apreender e compreender. Para Magnini, “[o] método etnográfico não se confunde nem se reduz a uma técnica; pode usar ou servir-se de várias, conforme as circunstâncias de cada pesquisa; ele é antes um modo de acercamento e apreensão do que um conjunto de procedimentos” (MAGNANI, 2002, p.17).

Esse “modo de acercamento” ou “mergulho” tem suas fases. A primeira delas, é um mergulho na teoria, informações e interpretações já feitas sobre a temática e a população específica que queremos estudar. A segunda fase, consiste num longo tempo vivendo entre os “nativos” (rurais, urbanos, modernos ou tradicionais); esta fase se conhece como “trabalho de campo”.

O trabalho de campo no método antropológico supõe não apenas ir e ver ou ir e pegar amostras, mas algo mais complexo: uma co-residência extensa, uma observação sistemática, uma interlocução efetiva (língua nativa), uma mistura de aliança, cumplicidade, amizade, respeito, coerção e tolerância **irônica**⁴(GEERTZ, 1999). Em uma palavra, o trabalho de campo antropológico consiste em estabelecer relações com pessoas.

Quando busco falar do estranhamento entre as culturas endógenas e exógenas, falo não apenas dos conflitos e similaridades entre as duas, mas também da minha condição de estrangeiro em minha própria terra. Esse deslocamento é confuso, denso e, por muitas vezes tenso. Tensões estas, que me provocam reflexões as quais se apresentam como uma questão central para esta pesquisa: como se formam as redes de sociabilidade e as práticas de lazer e empreendimentos, entre os moradores do bairro de Intermares (cidade de Cabedelo/PB) advindos de outros estados/países (os estrangeiros/gringos)? Essa é a questão que pretendo responder ao longo deste trabalho. Através de observações, interações, entrevistas e anotações de campo construo a minha percepção sobre os meus sujeitos de pesquisa: os estrangeiros moradores do bairro de Intermares.

Esta pesquisa, em grande medida, se deu em ambientes de descontração, tais como: bares, churrascos e/ou os *points* de lazer frequentados pelos grupos de estrangeiros. Nestes ambientes as conversações fluem num clima mais caloroso, mais descontraído e, ao mesmo tempo, mais tenso. Muitas máscaras se despem com maior facilidade nestes ambientes boêmios. Os entraves sociais, a polidez, a perspicácia e a dissimulação que nos acompanham nos ambientes sóbrios do nosso dia-a-dia, aqui se desfazem na fumaça de um cigarro.

⁴ Grifo nosso.

Alguns dos meus interlocutores se manifestaram a respeito de suas particularidades, transbordando inclusive o nível de intimidade entre pesquisador/campo. Até certo ponto esse ambiente facilita a interpretação dos fatos sociais. Acredito que, de alguma forma, ao tentar entender o comportamento dos estrangeiros, acabei por estranhar mais a mim mesmo e, esse estranhamento, talvez seja a parte mais sutil e, ao mesmo tempo, mais densa deste trabalho. Afinal, como diria Geertz: “o problema humano no estudo antropológico não é de estranhar o outro, mas de estranhar a si mesmo” (GEERTZ, 2003, p.92).

O estranhamento diante de si mesmo é uma experiência essencial, pois ela permite abrir-se à outras culturas e vivências. A partir dessa incerteza, temos uma atitude muito menos violenta com relação ao outro. O meu estranhamento se dá de um modo inverso, como já dito anteriormente, pois na teoria clássica da antropologia, o estranhamento se dava com as culturas tidas como “exóticas”: os primeiros etnógrafos eram verdadeiros aventureiros que se dispunham a fazer suas pesquisas em lugares longínquos. Geertz advertia sobre o perigo de sermos etnocêntricos ao estudarmos outras culturas e de nos aprisionarmos aos nossos próprios conceitos. Desta forma, antes de dar início a um estudo etnográfico é necessário questionarmos sobre a nossa própria posição no mundo.

A minha pesquisa de campo, em boa parte, foi bem-sucedida em decorrência de algumas características pessoais e sociais que me permitiram estabelecer uma conexão com o grupo de estrangeiros. De certa forma e, em certa medida, alguns valores mútuos se cristalizaram e sedimentaram o alicerce da nossa relação com o campo. Tive que me indispor comigo mesmo, para que a pesquisa não tomasse um caminho condescendente. Foi preciso relativizar certos valores inerentes à minha formação pessoal, foi preciso me estranhar e, ao mesmo tempo, me reconhecer como parte do campo.

Fica patente a ideia de que para os estrangeiros, os paraibanos (nativos) detêm uma capacidade intelectual inferior. Saliento que existe uma questão moral que se revela nesse discurso de desqualificação do outro (do nativo), para os estrangeiros, ser paraibano é ser burro, gay, pobre, preguiçoso, etc. Aqueles que quebram com este paradigma, que é forjado na suposta precária formação educacional dos nativos, acaba tendo uma maior chance de ser expulso conceitualmente para fora do grupo de nativos e assimilando ao grupo exógeno. Neste caso, eu, especificamente como sendo cientista social, advogado e mestrando em antropologia, acabei por ter certa assimilação no grupo de forma mais fácil. Ressalto, entretanto, que essa prática não é regra. Mais à frente tentarei detalhar a coexistência de certo

nível de comunhão entre os nativos e os estrangeiros e, alguns poucos estrangeiros chegam a reclamar de um, suposto preconceito “às avessas”, certa xenofobia dos nativos para com eles.

2. O BAIRRO DOS ESTRANGEIROS

2.1. O comércio

Logo que iniciei os estudos do mestrado (2018), fui inserido, meio que por acaso, no grupo que aqui chamarei de “estrangeiros” (explicarei adiante). A vida boêmia do bairro naquele período era bem limitada. Os *points* se resumiam a poucos bares na orla da praia e esses lugares me aparentavam bastante inóspitos, era comum o mal atendimento, muita demora ao servir, todos reclamavam que a cerveja era servida quente e os petiscos pouco atraentes. Até que em uma sexta feira qualquer, por volta de dois meses após ter iniciado o meu mestrado, andando pela orla me deparei com um trailer, onde comecei uma amizade com o senhor chamado João⁵, aposentado, pessoa bastante cordial que adora tocar violão. Este senhor foi o responsável pela minha inserção no grupo dos estrangeiros, foi ele que me apresentou o lugar onde boa parte desta pesquisa se desenvolveu: o Mar Bello. Localizado na primeira rua transversal, logo que se adentra na avenida Oceano Atlântico, sentido sul/norte.

Esse prédio para além de ser o mais popular *flat* do bairro, tendo em vista as suas dimensões, é também o lugar onde se localiza a conveniência que leva o mesmo nome do prédio. Quando fui apresentado a esta localidade em meados de junho do ano de 2018, ela acabara de ser inaugurada e os seus donos na época, Fernanda e Bernardo, naturais do estado do Paraná, eram pessoas bastante simpáticas e receptivas, empreendedores vorazes, sua aptidão para os negócios, seus múltiplos investimentos em diversas localidades do bairro e da zona metropolitana, além do seu conceito diferenciado de empreendedorismo, mudaram a dinâmica das áreas de lazer do bairro. A qualidade dos serviços prestados em seus estabelecimentos, passou a ser o referencial do seu comércio, atraindo e diversificando a clientela. Passei a frequentar o Mar Bello, pois percebi que ali a maioria dos frequentadores eram de outros estados. Minha inserção no grupo se deu naturalmente e de forma bastante cordial. Logo me vi frequentando os espaços dos estrangeiros e me vi inserido em seus círculos.

O comércio exerce forte influência na formação da comunidade de estrangeiros, no universo aqui estudado, a esmagadora maioria busca se estabelecer no bairro através do

⁵ Os nomes apresentados no texto são fictícios. Tal escolha de escrita se deu diante do fato de que alguns relatos trazidos contêm narrativas de ódio.

empreendedorismo. O comércio, por seu turno, pode acolher sempre mais o homem do que a produção primária, e é o setor indicado para o estrangeiro que penetra, até certo ponto, como um extra, em um círculo determinado. Círculo este onde as posições econômicas já se encontram plenamente ocupadas (SIMMEL, 2005).

Pude acompanhar, ao longo do meu trabalho de campo, as venturas e desventuras dos estrangeiros em suas empreitadas comerciais marcadas, na maioria das vezes, por tentativas frustradas de se firmarem na localidade através do comércio. A maioria dos empreendimentos fracassaram em um curto prazo de tempo, forçando-os a se reinventarem em novas tentativas de empreendimentos.

Não utilizo aqui, destarte, a noção de estrangeiro no sentido habitual, em relação àquele que vem hoje e amanhã se vai, mas como o que vem hoje e amanhã pode permanecer; porque era possível se mover e, embora não siga adiante, ainda não superou completamente o movimento de ir e vir (SIMMEL, 2005). Embora alguns poucos estrangeiros acabem por regressar aos seus estados de origem, o intuito deles é sempre o de se estabelecerem de forma permanente. Os estrangeiros se acomodam aos territórios alheios geralmente através das práticas comerciais. Na história inteira da economia, aparecem por toda parte como comerciantes. Não é diferente no caso em tela.

O fracasso nos negócios resultou em uma severa dispersão no grupo de estrangeiros, muitos regressaram aos seus estados de origem, deixando para trás certas máculas ocasionadas pela má gestão. Outros, insistem em dar continuidade aos seus projetos mesmo a despeito das contrariedades e limitações impostas pelo cenário econômico local. Em comum, quando os negócios não vão bem, os estrangeiros se apressam em culpabilizar a própria dinâmica da cidade que, julgam não se adequar aos moldes do capitalismo tradicional brasileiro, representado pela pujança da capital paulista.

Os estrangeiros atribuem à lógica nativa uma malemolência imprópria ao desenvolvimento dos negócios, acusam os trabalhadores nativos de não gostarem de trabalhar e de não terem a ambição e cultura econômica necessária para que o comércio vingue. Entretanto, o entrave maior ao desempenho comercial dos estabelecimentos estrangeiros, parece estar materializado numa forte rede comercial já existente e dominada por comerciantes nativos que, monopolizam os melhores negócios no bairro.

O conflito que se estabelece a partir da concorrência comercial, não apenas se manifesta nas tensas relações com os nativos, mas também é endógeno ao próprio grupo. As

relações dentro da própria comunidade dos estrangeiros são tensas em decorrência das relações comerciais, embora esta tensão se apresente de forma sucinta e dissimulada.

Em sua maioria, os estabelecimentos comerciais dos estrangeiros estão relacionados ao lazer/recreação. Esse tipo de negócio, embora esteja bastante atrelado ao turismo, sobrevive sobremaneira da assiduidade que só pode ser obtida com a adesão dos nativos ao conceito do negócio. Alguns estabelecimentos de estrangeiros parecem se voltar, única e exclusivamente, ao atendimento do turista que, nesse aspecto, se sente familiarizado com o atendimento, uma vez que, se sente confortável com a linguagem, o sotaque e a culinária ofertada por estes estabelecimentos.

Os estrangeiros, em sua maioria, veem com muita empolgação as possibilidades de negócio na região metropolitana de João Pessoa, especialmente no bairro de Intermares. É unânime entre eles o reconhecimento da potencialidade negocial neste bairro. Intermares é um bairro em “construção” devido a sua grande área ainda não habitada, a potencialidade para a construção de imóveis é imensa e, logicamente, também para sua expansão comercial. A insipiência dos negócios e da prestação de serviços no bairro, se mostra como um grande atrativo para os estrangeiros que pensam em prosperar nestas paragens.

Além disso, diferentemente dos nativos, os estrangeiros pensam este bairro como um local para residir, o que quebra com a lógica do bairro ser apenas uma praia veranista. A ideia de que Intermares é um bairro distante, é inexistente na mentalidade dos estrangeiros, alguns acostumados com as longas jornadas de deslocamento feitas em cidades como São Paulo, o que faz eles acharem que tudo em Intermares é muito perto e muito cômodo, são outros referenciais de dimensão e de espacialidade que eles trazem consigo.

Os estrangeiros enxergam o bairro, e a própria capital João Pessoa, como estando em estado pré-capitalista. Eles (os estrangeiros) de fato dinamizam a economia local, é este o propósito, alguns têm negócios pequenos, como é o caso do Fabiano e da Greyce⁶, outros têm negócios muito mais robustos, alguns trabalham com especulação imobiliária e ganham muito dinheiro com isso. Como é o caso de Juvêncio, gaúcho, torcedor do grêmio, que trabalhou durante muitos anos com plantação de soja no Mato Grosso do Sul e que se apaixonou pelo bairro de Intermares durante as férias que veio passar em meados dos anos oitenta.

Segundo seu relato, naquela época ele enxergou uma grande oportunidade de investimento, pois havia muitos terrenos sendo vendidos a baixo custo. Dessa forma, ele comprou boa parte dos terrenos disponíveis, inclusive na principal avenida comercial do

⁶ Mais à frente apresentarei aos leitores de forma mais criteriosa os meus interlocutores.

bairro, a avenida Mar Negro, esses terrenos e lotes se valorizaram exponencialmente e ele ganhou muito dinheiro com as suas vendas, sendo reconhecido pelos moradores mais antigos do bairro, como um nome proeminente do setor empresarial. Ainda hoje é proprietário de diversos empreendimentos imobiliários em Intermares e exerce grande influência dentre a elite local.

De uma forma geral, eles (os estrangeiros) implementam a cultura *business* tão presente em grandes metrópoles como São Paulo e falam de forma enfática que os paraibanos não sabem ganhar dinheiro - logicamente isso não é uma regra - mas, por trás da cordialidade, está sempre presente certa presunção de superioridade no conhecimento de se fazer negócios, na linguagem empresarial diga-se: *knowhow* - e esse fato se confirma, num breve giro pelo bairro, onde pode-se perceber que a maioria dos empreendimentos são de proprietários estrangeiros.

A cidade grande moderna, contudo, alimenta-se quase que completamente da produção para o mercado, isto é, para fregueses completamente desconhecidos. Com isso, o interesse das duas partes ganha uma objetividade impiedosa, seus egoísmos econômicos, que calculam com o entendimento, não têm a temer nenhuma dispersão devida aos imponderáveis das relações pessoais (SIMMEL, 2005).

Essa lógica de mercado das grandes metrópoles parece não funcionar muito bem por estas paragens. Como já dito, o bairro de Intermares detém uma característica muito peculiar e própria que é a sua formatação interiorana. As relações interpessoais se dão a um nível de coesão muito própria das pequenas comunidades, o bom funcionamento dos negócios está relacionado ao estreitamento de laços de solidariedade. Todos se conhecem e, em algum grau se enaltecem do fato de serem amigos dos donos dos comércios, isso parece ser determinante na manutenção da clientela e fundamental para a prosperidade do negócio.

Diferentemente do que ocorre em outros bairros da capital paraibana e da sua região metropolitana, o bairro de Intermares tem fortes laços de coesão pautados na tradição familiar - assim como em cidades pequenas, na qual se conhece quase toda pessoa que se encontra e se tem uma reação positiva com todos -, por conta dessa situação psicológica, os habitantes nativos do bairro se impõem o direito à desconfiança com relação aos estrangeiros. Daí essa comunidade se apresenta como estritamente fechada ao desconhecido e, por conseguinte, também aos estrangeiros.

Existe um núcleo rígido dentro do bairro que é formado pelos moradores mais antigos que se confundem entre nativos e estrangeiros e, todos reclamam para si o pioneirismo - a

fundação do bairro. Dentre aqueles que pertencem a este núcleo, parece existir um consenso de que tudo que ocorre nas redondezas deve estar sob o seu controle. Esse núcleo detém um forte poder político no município, podendo interferir positivamente ou negativamente no andamento dos negócios locais.

2.2. Os estrangeiros

A primeira conversa que tive com os proprietários da conveniência Mar Bello, foi regida por um misto de surpresa e desconfiança. Afinal de contas, eu era apenas um cliente e, obviamente, o interesse do negócio é o lucro, notei que tiveram certo receio de que eu estivesse interessado em saber os “segredos” do negócio. Naquele momento percebi que eu representava para eles uma espécie de ameaça, um possível concorrente, interessado em atrapalhar seu negócio. Foram necessárias muitas idas e vindas para conseguir uma abertura, para que houvesse abrandamento nos nossos diálogos.

Era uma terça feira do mês de julho do ano de 2018, haveria dois jogos da copa do mundo da Rússia, no entanto, o jogo que me interessava era o do Japão contra a Bélgica. Eu já estava inserido em meio aos estrangeiros, já tinha familiaridade e já havia sido convidado para frequentar a casa de alguns, sempre havia churrascos nos fins de semana e durante a semana também. O meu interesse no jogo do Japão, se dava por conta da turma de japoneses com quem me “familiarizei” e estava inserido. Os japoneses Nisei oriundos do sul do país, mais precisamente da cidade de Londrina, no estado do Paraná.

Os meus primeiros contatos com essa turma de japoneses e de paulistas se deu em decorrência dos jogos da copa do mundo. Eu sempre chegava desacompanhado ao Mar Bello conveniência, trazia comigo apenas o meu caderno de campo e me sentava solitário em alguma mesa, às vezes ficava no balcão e tentava iniciar algum diálogo, geralmente de forma infrutífera. Minhas primeiras idas ao campo foram muito frustrantes, em primeiro plano, não sabia muito bem qual caminho seguir, ainda estava cursando algumas disciplinas no mestrado, não tinha muita familiaridade com a antropologia urbana - mas, ao mesmo tempo, todo este ambiente do bairro, desde o meu prédio até os personagens que encontrava na rua me deslumbravam pelo seu exotismo.

De certo modo, o meu isolamento criou no grupo de frequentadores do bar uma curiosidade, aquele estranho sentado só, fazendo anotações em seu pequeno caderno azul enquanto degustava uma cerveja, não poderia passar despercebido ao ambiente. Em uma

dessas ocasiões, numa das minhas muitas idas sem obter qualquer êxito nas minhas pretensões, fui surpreendido por um convite amistoso para sentar-me à mesa de um grupo de estrangeiros, em sua maioria japoneses:

-Você está aí sozinho cara!
 -Senta aqui conosco!
 -Vem pra cá Raul (alguns me chamavam de Raul, em decorrência do meu estilo: barba e cabelo grande).

(Registro de diário de campo, junho/2018)

Aceitei de pronto o convite e fui me sentar com um grupo de estrangeiros, cumprimentei-os, agradei por terem sido tão solícitos e começamos a falar sobre os jogos da copa e do desempenho da seleção brasileira que não ia nada bem. Logo começaram as perguntas, sobre quem eu era, de onde vinha, para onde ia. Ainda, não sabia como falar que era estudante de antropologia. Então, falei que era professor e advogado e que estava cursando o mestrado em antropologia. Me vi sendo sabatinado. Ri-me da situação. Quem era que estava fazendo pesquisa afinal?

Deste primeiro contato, acredito que dei mais informações sobre mim, do que recebi do grupo. Exceto, claro, pelo olhar de antropólogo que já se desenvolvera em certa medida. O não dito por eles nesse momento, foi o mais importante para mim. O trabalho etnográfico dentre tantas características imanescentes, se desenvolve a partir da percepção “quase que intuitiva” do etnógrafo. As categorias acusatórias e depreciativas, são utilizadas estrategicamente pelos membros do grupo aqui pesquisado como forma de silenciá-los e, paradoxalmente, torná-los possíveis: num contexto onde determinados tipos de preconceitos aparecem num primeiro momento, apenas de forma superficial, não verbalizada ou através de metáforas.

Dali por diante, não me sentaria mais só, o caderno de campo se tornara inútil (pelo menos durante o campo), pois todos queriam lê-lo, obviamente isto atrapalharia as minhas anotações. Despedi-me do caderno azul. Às vezes o trazia comigo, mas ele tinha que permanecer escuso, dentro da minha mochila. Daí por diante, tentava me recordar dos meus diálogos no dia seguinte, ao fazer minhas anotações, ou então me trancava no banheiro da conveniência para fazer algumas mais precisas e imediatas. Mas, de fato, passei a ter o celular como ferramenta mais frequente no campo. Eu estava sempre com ele à mão, com facilidade, fazia alguns vídeos e gravava áudios. Fato que também começou a gerar algum desconforto, tal como o caderno de campo.

- Nós estamos te gravando hein? Somos do FBI (risos).

(Registro de diário de campo, junho/2018)

Essas palavras me foram ditas por um casal de japoneses em tom jocoso. Embora eles demonstrassem algum interesse pela minha pesquisa, se mostravam meio confusos, com o meu interesse no seu comportamento.

A maior dificuldade daí por diante seriam as minhas anotações e registros. Como fazê-las, sem constranger os meus interlocutores. Claro que, com o passar do tempo, todos já sabiam dos meus estudos, embora a dimensão de proximidade da abordagem antropológica (de perto e de dentro, tal como destaca Magnani) ainda tenha provocado muitos questionamentos e dificuldades de compreensão de tal prática científica. Muitos me perguntavam se eu estava escrevendo sobre a “evolução dos índios”.

A experiência antropológica em seus primórdios se caracterizou pelo olhar do ocidental (Europeu) sobre o outro, o distante, o exótico. Essa prática, eventualmente, colou na mentalidade de muitas gerações de incautos e, principalmente, dentre aqueles que não estão familiarizados com o método antropológico. Essa associação da antropologia com o exótico, gera uma nódoa, no tocante a sua prática, uma vez que se tende a pensar essa ciência e sua produção como estando fora do ambiente urbano, daquilo que nos é próximo. Dessa forma, pensar o próximo, o cotidiano, o urbano, o local, parece estar fora da delimitação do nosso campo de pesquisa. Muitos pensam o fazer antropológico sempre ligado aos sertões, ao rural, ao rústico, ao não urbano. Em relação a essa perspectiva equivocada, Magnani destaca a etnografia como método de trabalho característico da antropologia para a compreensão do fenômeno urbano, mais especificamente para a pesquisa da dinâmica cultural e das formas de sociabilidade nas grandes cidades contemporâneas.

Esta etnografia se pauta exatamente nessa perspectiva de trabalhar o urbano, o local, o próximo, o que nos parece familiar. Foram longos meses de pesquisa de campo, inserido dentro do grupo de estrangeiros, convivendo com as suas rotinas sociais/profissionais/familiares. Magnani (2002) destaca que as cidades contemporâneas devem superar a perspectiva analítica, que as compreende como mera representação das gestões políticas/administrativas/empresariais. As grandes cidades seriam representativas de um sistema pulsante de inter-relações sociais/culturais, que transcendem a normativa globalista e fria que enxerga as cidades apenas como reflexo de um padrão administrativo e de suas problemáticas pertinentes às mazelas decorrentes da ausência de gestão e/ou políticas

públicas saneadoras. As cidades de grande porte, certamente, são importantes para análise e reflexão, não apenas porque integram o chamado sistema mundial e são decisivas no fluxo globalizado e na destinação dos capitais, mas também porque concentram serviços, oferecem oportunidades de trabalho, produzem comportamentos, determinam estilos de vida; e não apenas aqueles compatíveis com o circuito dos usuários “solventes”, do grande capital, frequentadores da rede hoteleira, de gastronomia e de lazer que seguem padrões internacionais (MAGNANI, 2002).

Cheguei cedo à conveniência no intuito de conversar, mais uma vez, com os proprietários. Sentei-me no balcão, pedi uma cerveja e fiquei com um interesse parcial nas notícias que passavam na TV. Era uma forma de abrir o diálogo.

- Eu: esse jogo vai ser muito bom, vou torcer para os japoneses.
- Fabiano: eles não vão conseguir vencer o jogo, eles não conseguem abrir os olhos para enxergar o gol (risos). Esses pintos pequenos não são de nada.
- Sam (japonês): japonês tem pinto pequeno mesmo, não é Takeshi?
- Takeshi (japonês): claro, ué! O meu é desse tamanho, ó!

Todos riam, o clima era de descontração. As brincadeiras sobre sexualidade eram a tônica do ambiente. Nesse momento eu já tinha uma inserção muito boa no grupo, dali por diante eu não era mais o Maktor, nem o Raul desconhecido e solitário, passei a ser chamado pelo agnome Thor, que me acompanha até hoje nesse bairro. Passei a ser reconhecido assim. A ideia desse apelido surgiu com a dona do Mar Bello, ela sempre achava difícil a pronúncia do meu nome e um dia, disse:

- Vou facilitar, seu nome agora será Thor ao invés de Maktor!

Aceitei de bom grado. Todos rimos e, dali por diante, todos passaram a me chamar assim. Logicamente eu não poderia escapar às brincadeiras e fui colocado na “jogada”:

- Takeshi: ó, o Thor também tem o pau pequeno. Tem um pintinho de nada.
- Eu: claro que não, eu sou negão porra!

As piadas sobre sexualidade e raça planam sobre a mentalidade das pessoas, essas chacotas são bastante comuns em meio às descontrações, especialmente em ambientes como bares. É bastante comum que as pessoas façam esses tipos de zombarias. Essa questão, evidentemente, transcende o meu campo de pesquisa e permeia a sociedade como um todo. Logicamente que a dinâmica e a potencialidade de afetação, aqui, ganham uma conotação

bastante distinta. Por trás dos sorrisos e das aparentes aceitações do diferente, em certos momentos, essas brincadeiras ganhavam um contorno virulento e as tensões ficavam visíveis ao ponto de alguém intervir para que não se desdobrasse a situação em uma contenda.

Todos rimos bastante e mal tínhamos começado a beber, ainda faltava pouco mais de uma hora para começar o jogo. Estávamos todos animados com aquele clima de festa que caracteriza a copa do mundo. Afinal daquele jogo sairia o adversário do Brasil na próxima etapa da copa e, naquele momento, queríamos muito que o confronto se desse entre Brasil e Japão.

Nesse clima de descontração pré-jogo, busquei uma aproximação maior com o Fabiano e a Greyce e abri um diálogo:

- Eu: Por que vocês resolveram morar aqui em João Pessoa?
- Fabiano: Olha! Nós saímos do Paraná e moramos por muito tempo em São Paulo. Temos uma empresa de representação, sempre fizemos muitas vendas para a Paraíba (coincidentemente, um dos clientes deles é morador do edifício Evidence, portanto, meu vizinho, ao saberem disso a conversa se desenvolveu de forma mais suave).

Fabiano ressaltou o intuito de sua mudança para o estado da Paraíba:

- Viemos aqui a negócios e gostamos do clima da cidade e vimos também aqui um grande potencial para expandir os negócios.

O jogo terminou com uma “virada” decepcionante da Bélgica. Todos ficamos meio tristes e zueamos bastante os japoneses.

- “Japônês não é de nada mesmo” (bradávamos).
(Registro de diário de campo, junho/2018)

Nesse clima partimos, terminado o jogo fui convidado para um churrasco no dia seguinte na casa do Açaí. O Açaí é um paulista de Ribeirão Preto que organizava nessa época algumas festinhas, luais, coisas do gênero (lazer). Sua casa é uma grande mansão (localizada no bairro de Intermare). Foi nessa casa que eu comecei a perceber o círculo fechado desse grupo de estrangeiros. Todos que frequentavam aquela casa, sempre estariam nos mesmos lugares - independentemente de onde fosse o *point* – a turma é sempre a mesma, com breves e pequenas variações.

O meu diálogo com Açaí, foi muito fácil. Ele se caracteriza principalmente pela espontaneidade e desprendimento, além de ser muito brincalhão e galanteador. Este dia, na casa do Açaí, foi como um batismo para mim. A partir daquele momento eu passei a ser parte da turma e a ser chamado para todas as atividades desempenhadas por eles. Virei um neófito.

O Sam fez questão de enfatizar esse fato. O Sam é um descendente de japoneses, casado com uma descendente de alemães, ambos oriundos do sul do país.

– “Agora você é parte da turma”!

Me senti lisonjeado e, ao mesmo tempo, incrédulo. Afinal de contas, as coisas aconteceram muito rápido e eu pensava que a resistência à minha aproximação seria muito mais forte. Agora, eu era parte daquele grupo e, em comum, tínhamos a contemporaneidade (idade) e o gosto pelo *rock’n’roll*. No entanto, existia um outro círculo de pessoas mais velhas que não me aceitaram muito bem, onde fui bastante hostilizado, inclusive, com injúrias raciais que me ocasionaram profundo desconforto e irritação.

Entretanto, não me indispus e continuei com a minha imersão dentro desse grupo específico. Para os mais velhos, as barreiras são quase que intransponíveis. O conflito geracional é muito forte. Se, com os grupos contemporâneos, certas práticas discriminatórias são mais sutis, nos extemporâneos essa sutilidade se dissolve e a verbalização de toda forma de preconceito não encontra barreiras. Mas isso não significa dizer que entre os mais jovens isso também não aconteça.

2.3. Estrangeiros versus nativos (Choque Cultural)

Como dito anteriormente a concepção que adotei aqui sobre o que é ser estrangeiro está pautada em relação à permanência deste no território, ao qual não pertence imediatamente. O estrangeiro para os fins desta etnografia, é aquele que vem com a intenção de permanecer.

A primeira forma manifesta do choque cultural aqui descrito reside exatamente no fato de que, o estrangeiro é compreendido pelo nativo como um estranho, como aquele que não tem a “propriedade do solo”. Enfatizo novamente que a categoria se torna mais complexa, pois o nosso estrangeiro é compatriota e, como já dito anteriormente, usufrui dos mesmos estatutos jurídicos e/ou normativas sociais. A formalidade legal, no entanto, não se materializa em termos de assimilação cultural. Além do mais, no nosso caso específico, existe uma inversão com relação à ordem/lógica segregacionista, pois aquele que impõe o estigma, é o que vem de fora, o estrangeiro.

Na relação com o “estrangeiro” ou o “estranho”, em um sentido positivo, porém, o que existe é um não relacionamento. Nos contatos possíveis ele, o estranho, é sempre considerado como alguém de fora, como um não membro do grupo, portanto, as relações se dão a partir de um certo parâmetro de **distanciamento objetivo**⁷, mas, partindo de características essenciais de que também ele é um membro de um outro determinado grupo. Como tal, os contatos com ele são, ao mesmo tempo, estreitos e remotos, na fragmentação das relações por onde uma abstrata igualdade humana, em geral, se encontra (SIMMEL, 2002).

As relações sociais entre nativos e estrangeiros são especialmente tensas no tocante à ideia de pertencimento, que ressaltai anteriormente. O fato de serem os de fora, “os não proprietários”, geram conflitos iminentes à territorialidade. Eles se percebem como agentes transformadores da realidade local, no tocante às questões negociais e, se pensam como proeminentes no cenário do bairro. De fato, este comportamento segregacionista, marginaliza os nativos, que são deslocados para fora do seu próprio espaço. A reteriolização é a chave para entendermos as colocações das tendências comunitárias.

Os estrangeiros tendem a refazer no novo meio urbano, através de seus rituais de sociabilidade originários. No caso em tela, essa reprodução dos valores culturais exógenos acaba por criar territórios hegemônicos, onde a cultura nativa é expelida/repelida, criando-se assim, espaços exclusivos onde os de dentro não têm acesso.

Temos aqui uma inversão do gueto. Se pensarmos que o gueto é um território marginalizado e nômade, como afirma Perlongher (1993), no caso em tela, teremos uma inversão desta ótica. Vemos, portanto, um grupo que se nega à assimilação dos valores culturais do território ocupado e, rejeita o estabelecimento de teias relacionais com os habitantes locais, em decorrência de uma pretensa superioridade étnico/racial.

Ainda, segundo Perlongher, as trajetórias e territorialidades marginais podem ser estendidas entre as várias sociabilidades da margem, seria algum impulso de fuga que estaria, de um modo ou de outro, no seu ponto de partida (PERLONGHER, 1993). Os grupos de estrangeiros, aqui estudados, não se inserem nessa lógica nômade das categorias abordadas pelo autor supracitado. Pelo contrário, como já disse antes, os grupos de estrangeiros se caracterizam pelo desejo de apropriação do espaço físico nativo, rejeitando, entretanto, as relações que transcendam o básico necessário ao bom funcionamento das suas atividades cotidianas.

⁷ Grifo meu. Ressalto aqui que, nesta pesquisa, diferentemente do que aponta Simmel, este distanciamento objetivo se dá por parte dos estrangeiros, com relação aos nativos de forma a segregá-los do seu convívio social.

A cidade grande moderna, contudo, alimenta-se quase que da produção para o mercado, isto é, para fregueses completamente desconhecidos (SIMMEL, 2002). Os empreendimentos desenvolvidos pelos estrangeiros que, em sua maioria, relacionados ao setor de entretenimento/lazer, estão voltados para o acolhimento daqueles que procuram a cidade como turistas, ou seja, o atendimento é voltado para aqueles estrangeiros que estão de passagem, que não formarão vínculos negociais/sociais/afetivos. Embora seja este o vetor que impulsiona as empreitadas, o mercado local em si, determina uma outra realidade: sazonalidade. No período de baixa estação, os negócios basicamente se sustentam com os fregueses locais, portanto nativos, mesmo que de outras cidades do interior do Estado da Paraíba, são estes que impulsionam o comércio durante este período.

As críticas dos estrangeiros durante o período de baixa estação se tornam mais proeminentes. Reclamam, especialmente, do que eles entendem como falta de dinâmica do empreendedorismo local. Já os empreendedores locais, resguardando seus próprios interesses, acabam em muitas ocasiões por “estrangular” os negócios dos estrangeiros para depois assumirem seu espólio.

Essa foi uma prática que pude observar em, ao menos, três ocasiões distintas no transcorrer da minha pesquisa de campo. Mediante a essência contábil do dinheiro chegou-se, na relação dos elementos da vida, a uma precisão, a uma segurança na determinação de igualdades e desigualdades, a uma univocidade nos acordos e combinações (SIMMEL, 2002). Este, talvez, seja o maior ponto de convergência (e de tensão), entre nativos e estrangeiros. Como já afirmei, as relações sociais entre estes dois grupos, mesmo que se repilam em diversas ocasiões, encontram suas similitudes em muitos momentos. O distanciamento que existe entre um nativo de classe média e um nativo obreiro, é o mesmo experimentado pelos que vêm de fora. Da mesma maneira, as posses financeiras revelam-se como um fator de agregação. O sentimento de pertencimento a uma casta superior, une os empreendedores locais e forasteiros numa espécie de comunhão quase que sacra.

Por outro lado, as relações de sociabilidade que se dão fora deste circuito negocial são caracterizadas quase que exclusivamente pelas tensões, ocasionadas pelo sentimento de superioridade e rivalidade estabelecido. Decerto, a indiferença e as desavenças entre os grupos locais e de fora, leva a uma aversão, uma estranheza e repulsa mútuas que, no momento de um contato próximo, poderia desembocar em ódio e luta.

As situações limítrofes, não foram poucas⁸. As tensões, especialmente as raciais, são a maior fonte de conflito entre os grupos nativos e estrangeiros. O estrangeiro se pensa/impõe como sendo branco, europeu, rico, inteligente, sofisticado, etc. Em contraposição, o nativo é entendido como sendo o negro, o índio, o pobre, o burro, o feio. Trabalharei estes aspectos com maior profundidade mais à frente.

A presença de migrantes, visitantes, moradores temporários e de minorias - de segmentos diferenciados com relação à orientação sexual, identificação étnica ou regional, preferências culturais e crenças, de grupos articulados em torno de opções políticas e estratégias de ação contestatórias ou propositivas e de segmentos marcados pela exclusão -, toda essa diversidade leva a pensar não na fragmentação de um multiculturalismo atomizado, mas na possibilidade de sistemas de trocas de outra escala, com parceiros até então impensáveis, permitindo arranjos, iniciativas e experiências de diferentes matizes (MAGNANI, 2002).

Os grupos de estrangeiros aqui estudados demonstram um profundo afastamento da presunção de convivência harmoniosa inerente ao conceito de multiculturalismo. A convivência pacífica de várias culturas em um mesmo ambiente/território, é um fenômeno social diretamente relacionado com a globalização e as sociedades pós-modernas.

Uma das principais características do multiculturalismo é que tende a combinar elementos de diversas culturas em uma nova e diferente expressão cultural. Esta pesquisa, entretanto, nos revela exatamente o oposto deste pressuposto em relação a integração/assimilação de traços culturais entre os grupos aqui estudados. Como já dito anteriormente, a cultura de fora se nega a constituir laços de sociabilidade que transcendam ao essencial para o bom desempenho das atividades cotidianas e corriqueiras.

O não estabelecimento de vínculos sociais/culturais/afetivos e a preservação de todos os traços da sua cultura regional, manifestam o desejo de sobreposição à cultura local, afinal, os estrangeiros buscam o território e suas benesses e não a interação e/ou assimilação com os nativos e sua cultura.

Constatei neste trabalho que o choque cultural entre a cultura nativa e a estrangeira se apresenta como expressão do multiculturalismo existente no bairro. Busquei trazer à tona, que este fenômeno não representa uma real integração entre as culturas, mas um domínio, mais ou menos velado, de uma cultura sobre a outra. A ocupação territorial e a construção de uma rede econômica de sociabilidades excludentes, formada essencialmente por estrangeiros, é a

⁸ Tivemos oportunidade de vivenciar diversas agressões em nosso campo. Algumas chegando às vias de fato. Descrevo algumas dessas situações no transcorrer desta etnografia.

manifesta expressão desta prática segregacionista e colonial que, aos poucos, se impõe e toma forma no bairro de Intermares e em boa parte da região metropolitana da capital.

3. A QUESTÃO IDENTITÁRIA

3.1. Conceito de identidade

A questão da identidade vem mudando de conceito com o advento da pós-modernidade. A ideia de um indivíduo unificado, tem sido substituída pela fragmentação da identidade, nas sociedades contemporâneas é comum que o indivíduo se molde a uma série de identidades que se complementam. Para além disso, as relações cada dia mais fluídas, constroem uma nova forma de percepção do cotidiano.

Stuart Hall (2005) distingue três concepções de identidade do ser humano: o sujeito do Iluminismo, que é o indivíduo centrado e dotado de capacidades de razão; o sujeito sociológico, presente no mundo moderno e que não é independente, uma vez que se forma pela relação que estabelece com os outros; e o sujeito pós-moderno, o qual não possui uma identidade fixa, promovendo assim esse debate em torno da crise de identidade. A relação entre essas sociedades e a questão da identidade construída pelo autor, torna-se interessante e provocativa, uma vez que pontua as descontinuidades da sociedade moderna e as diferentes posições de sujeito que o indivíduo carrega consigo nos pós modernidade ou modernidade tardia, como prefere este autor, ocasionando essa crise de identidade.

As relações sociais dentro deste contexto ganham novas dimensões, tendo em vista que a rapidez da circulação de informações, aliadas à facilidade com que circulam as pessoas e as mercadorias (principalmente aquelas que derivam da indústria cultural), dão um novo formato ao conceito de identidade. Lugares distantes se tornam familiares através das grandes redes comerciais, que massificam o senso de pertencimento. É possível se sentir familiarizado com os ambientes, mesmo se estando a milhares de quilômetros de distância do seu lugar de origem.

Os shoppings centers representam muito bem esta faceta da contemporaneidade. É possível ter acesso aos mesmos produtos e comportamentos em qualquer parte do globo. A ideia de cultura local se baseia em conceitos étnicos/raciais, que não encontram eco no mundo globalizado. Neste contexto, é possível apropriar-se das benesses do mundo “exótico”, sem abdicar do conforto de se ter disponíveis os bens das culturas de massas. De estar longe, sentindo-se em casa.

Nesse contexto, os estrangeiros demonstram o desejo e se movimentam no sentido da reprodução cultural das suas localidades em terras estranhas. Esse comportamento gera certo estranhamento por parte dos nativos, que se sentem incomodados com a “ocupação” do seu território. O fato de não se permitirem integrar a cultura local, parece residir no questionamento da validade do multiculturalismo, como destacado anteriormente.

O princípio norteador do grupo de estrangeiros aqui estudados é o da supremacia racial/étnica/cultural, sobrepondo a sua cultura à dos nativos na conquista do território. O fechamento do grupo em torno de si, de certa forma, representa o anseio da manutenção da identidade da modernidade pautada no critério étnico/racial, que geralmente se encontra atrelada aos sentimentos xenofóbicos que formatam a própria ideia de identidade nacional, no caso em estudo: a identidade regional.

Stuart Hall problematiza esses modos de perceber as identidades culturais nacionais, que, muitas vezes, soam como formas naturais e neutras. Sua crítica acerca de uma identidade nacional unificada torna-se muito coerente, ao passo que fundamenta sua análise nas diferenças existentes em uma mesma nação, como o gênero e a etnia. Além disso, afirma que, em virtude da globalização, diversos deslocamentos ocorreram no interior dessas identidades culturais nacionais, promovendo o foco para identidades locais e regionais, assim como um hibridismo das culturas originado pela migração dos povos.

Portanto, o regionalismo seria, nessa compreensão, a expressão de uma resistência ao processo de globalização cultural; e este se manifesta não apenas nas localidades. Transcende suas fronteiras. Os estrangeiros reproduzem a sua cultura, ocasionando deste modo, a sensação de estranhamento e colonização dentre os nativos. A tensão ocasionada por esse choque cultural está sempre presente na atmosfera do bairro.

Era uma sexta-feira à noite (outubro de 2018), estávamos num trailer na orla, eu já tinha desenvolvido certa simpatia com o casal de paulistanos proprietários deste trailer, inclusive já tinha frequentado a casa deles. Eles pareciam se sentir à vontade comigo. Começamos a travar um diálogo:

Eu: Fabiana, seus filhos estão bem adaptados à praia?

Fabiana: Sim, eles gostam muito daqui.

Eu: E o colégio? Eduarda já tem namoradinho?

Fabiana: Não. Mas se tiver, não pode ser um Paraíba!

Eu: *Putz*, mas eu sou paraibano.

Fabiana: Que nada Thor, você é um de nós.

Fica evidente no diálogo acima a problemática da identidade. Parece que, ao ser aceito no grupo, perdi a minha condição de nativo e, ao mesmo tempo, os preconceitos dos estrangeiros poderiam aflorar de forma mais solta na minha frente, pois, afinal de contas, não poderia haver da minha parte uma retaliação, uma vez que eu estava inserido no meio e teria que assimilar os valores, mesmo que isso negasse as minhas próprias raízes. Continuamos nossa conversa:

Eu: Mas o que há de errado com a Paraíba? Afinal de contas vocês vieram morar aqui por escolha própria.

Johannes: Aqui tem muito viado!

Eu: Sério? São Paulo não tem mais do que aqui?

Johannes: Não! Nunca vi viado em São Paulo!

(Registro de diário de campo, outubro/2018)

Esse diálogo, para mim, parecia surreal! Levei certo tempo para absorver o que tinha ouvido ali naquele momento. Comecei a pensar sobre o que fundamentaria tal distinção entre um Paraibano e um Paraíba. Aqui começo a delinear um rumo nesta minha etnografia, partindo do pressuposto de que eu é que sou o exótico.

A condição de paraibano, ou seja, de estar dentro da minha própria cultura, dentro das fronteiras espaciais e culturais que me formam como indivíduo em minhas particularidades e, ao mesmo tempo, me deparar com um grupo proeminente de indivíduos pertencentes a uma cultura distinta, que recriam a própria lógica de identidade e de comunidade dentro das “fronteiras” do meu estado natal, levaram-me a me pensar como exótico mesmo dentro da minha própria “terra”. Este sentimento de não familiaridade com o meu próprio *habitat* é, ao mesmo tempo, pressuposto e adjetivo desta pesquisa, o seu cerne.

Stuat Hall (2008) amplia a compreensão de hibridismo, sinalizando que as identidades culturais são híbridas, ou seja, movidas por mudanças, encontros e desencontros. Dessa forma, reforça seu entendimento em torno da identidade, alegando que não é possível afirmar que temos uma “identidade”, mas que somos compostos por uma identificação, passível de mudança e transformação. Uma das formas de se tentar unificar é através da questão étnica.

A ideia de que um povo é constituído por apenas uma etnia é completamente refutada por este autor. Entretanto, dentro da minha pesquisa percebi que este conceito étnico/racial é predominante para a construção da identidade dos estrangeiros aqui estudados. A presunção que os meus interlocutores estrangeiros têm sobre a sua identidade regional se baseia especialmente no critério étnico/racial. Enunciei acima que esta é uma das condições de coerção cultural que forja a identidade nacional (regional, nesse caso) e, concordei com o

autor quando refuta este pressuposto, como sendo central, para a construção da identidade no mundo contemporâneo, afinal de contas, a ideia de identidade centrada, unificada, pertence, segundo essa ótica, a um período já superado da nossa história.

Por mais que exista resistência à essa hibridização cultural e, em certa medida, de forma legítima, pois se dá em prol da preservação de valores ancestrais, as transformações do mundo globalizado, e do próprio processo de inclusão/inserção das culturas colonizadas nas metrópoles, refutam esse desejo isolacionista que se materializa na concepção do estado-nação e dos seus pressupostos identitários de raça/etnia para forjar uma pretensa unidade identitária. O ritmo e o alcance da mudança, "à medida em que áreas diferentes do globo são postas em interconexão umas com as outras, ondas de transformação social atingem virtualmente toda a superfície da terra"(GIDDENS,1990, p. 37), assim como, a natureza das instituições modernas. Essas últimas, ou são radicalmente novas em comparação com as sociedades tradicionais (por exemplo, o estado-nação ou a mercantilização de produtos e o trabalho assalariado), ou têm uma enganosa continuidade com as formas anteriores (por exemplo, a cidade), mas são organizadas em torno de princípios bastante diferentes. Mais importantes são as transformações do tempo e do espaço, e o que ele chama de "desalojamento do sistema social", a "extração" das relações sociais dos contextos locais de interação e sua reestruturação ao longo de escalas indefinidas de espaço-tempo" (GIDDENS, 2011 *apud* HALL, 2011, p.57).

3.2. Raça e classe

Classe social é um termo usado para dar a ideia de que existem distâncias sociais significativas na sociedade. Isso quer dizer que indivíduos e grupos são diferentes entre si e ocupam lugares distintos na sociedade. Entretanto, não se pode falar em classes sociais sem pontuar a existência de relações desiguais entre elas. Na prática, isso quer dizer que há sempre uma relação de dominação entre uma classe e outra. A diferença na possibilidade de acesso ao poder político, ao poder econômico, aos bens culturais, a educação e, outros prestígios valorizados em nossa sociedade, marcam a diferença entre as classes sociais.

A estratificação é a maneira pela qual os indivíduos se reproduzem socialmente e, de acordo com Weber, toda a discussão relativa à estratificação social requer, inicialmente, atenção ao conceito de poder. Entende-se "por poder a possibilidade de que um homem, ou um grupo de homens, realize sua vontade própria numa ação comunitária até mesmo contra a

resistência de outros que participam da ação” (WEBER, 1974). Portanto, o modo de estruturação de qualquer ordem social influencia a distribuição de poder, econômico ou outro, dentro dos limites de cada sociedade.

A estrutura social não se organiza apenas ao nível econômico, mas também em termos do poder, não somente aquele advindo de fatores econômicos que determina o tipo de estratificação social encontrado nas diversas sociedades, pois a luta pelo poder também é orientada pelas honras e prestígios sociais trazidas por ele. Existem contextos nos quais a honra é que está na base do poder político ou mesmo econômico.

A vida social no bairro de Intermarens é bastante elucidativa no tocante ao conflito de classe em nossa sociedade. Os moradores do bairro de Intermarens são, em sua maioria esmagadora, pertencentes a classe média e classe média alta, a maior parte dos moradores que participaram desta pesquisa (principalmente os nativos), ocupam postos nas mais importantes instituições da república (procuradores, promotores, juízes, secretários do município, etc.). Muitos, como já dito anteriormente, detêm considerável poder político na região metropolitana da capital paraibana. Aqueles que não se enquadram nesse rol, são formados por profissionais liberais: médicos, dentistas, etc. As pessoas que se ocupam das atividades braçais, residem em comunidades, muitas vezes distantes e, geralmente são moradores dos bairros periféricos da cidade de Cabedelo e/ou João Pessoa.

A forma pela qual as honras sociais são distribuídas numa comunidade, entre grupos típicos que participam dessa distribuição, pode ser chamada de “ordem social”. Ela e a ordem econômica estão, decerto, relacionadas da mesma forma com a “ordem jurídica”. Não são, porém, idênticas. A ordem social é, para nós, simplesmente a forma pela qual os bens e serviços econômicos são distribuídos e usados. A ordem social é, certamente, condicionada em alto grau pela ordem econômica e, por sua vez, influi nela (WEBER, 1972).

Tanto a questão racial, quanto a questão de classe são muito relevantes para a compreensão desse comportamento dicotômico dos estrangeiros. Me parece que a superioridade econômica, principalmente dentre os estrangeiros Paulistas, é um determinante para a inferiorização do ambiente nativo.

Raça é um conceito que não corresponde a nenhuma realidade natural. Trata-se, ao contrário, de um conceito que denota tão somente uma forma de classificação social, baseada numa atitude negativa frente a certos grupos sociais. Se entende, não a descrição da diversidade das raças ou de grupos étnicos humanos, realizada pela antropologia física ou pela biologia, mas a referência do comportamento do indivíduo à raça a que pertence e,

principalmente, o uso político de alguns resultados aparentemente científicos para levar à crença da superioridade de uma raça sobre as demais. Este uso visa justificar e consentir atitudes de discriminação e perseguição contra as raças que se consideram inferiores (BOBBIO, 1998).

Alexandre é um arquiteto paulista, casado com uma professora universitária também paulista, ambos têm origem na periferia de São Paulo e, dentre o grupo de estrangeiros, são os únicos que não se enquadram dentro da lógica do empreendedorismo. Alexandre gosta de tocar blues. Desenvolvemos certa amizade. Assim nos encontramos numa tarde do mês de outubro/2018, tomamos muitas cervejas e tocamos a tarde inteira, falei com ele sobre minha pesquisa e ele se prontificou a marcamos outra tarde para conversarmos, assim fizemos, nos encontramos novamente.

Eu: Alexandre, me conte sobre a sua história.

Alexandre: Foi muito difícil para mim fazer amizade, as pessoas têm uma visão equivocada de que arquiteto é rico. Logo que cheguei aqui fui morar em Manaíra (bairro de João Pessoa) e as pessoas eram muito fechadas lá no bairro. Só consegui fazer amizade com um paraibano, depois viajamos, fomos morar na Suíça e, quando voltamos, resolvemos vir morar em Intermars, atraídos pela tranquilidade do local. Foi aí que conheci essa turma toda (estrangeiros) e me apaixonei, estou me sentindo em casa.

Eu: Sente algum conflito de classe no bairro?

Alexandre: Não, na realidade me sinto muito à vontade em frequentar a comunidade São Luiz⁹

(Registro de diário de campo, setembro/2018)

Embora o Alexandre tenha um discurso bem diferente da maioria do grupo de estrangeiros, muito por conta da sua origem humilde na periferia de São Paulo capital, fato que lhe dá uma conexão também com a periferia local. Ele não deixa de carregar consigo vários discursos preconceituosos, fato que ele assume de forma “racional”. Ao tentar racionalizar, ele afirma ter preconceito com paraibanos. E, com seu forte sotaque paulista, ele afirma:

- Mano! Os caras são diferentes né. Sei lá. As coisas são diferentes. Não sabem dirigir, o trânsito aqui é uma bosta.

(Registro de diário de campo, setembro/2018)

⁹A comunidade São Luiz fica localizada no bairro do Bessa, João Pessoa - PB e está distante cinco quilômetros e meio do bairro de Intermars. Assim como a comunidade do Jacaré, ela é fornecedora da mão de obra para o comércio de Intermars. Fui apresentado a esta comunidade pelo português e adoro sentir a brisa do vento lá na comunidade.

Aos poucos se forja uma comunidade formada principalmente por Paulistas e Paranaenses. Mas os estrangeiros não se resumem a estes dois estados. No bairro também existe uma comunidade crescente de Portugueses e de Franceses. É importante notar que os imigrantes, tanto no grupo de franceses, como no de portugueses, que fazem parte do círculo de estrangeiros têm uma diferença sutil nos conceitos relativos aos nativos, o olhar difere entre os estrangeiros nacionais e internacionais.

No tocante à localidade de seus negócios, esta extrapola os limites do bairro, embora residam em Intermares. Com exceção do Gilberto (português), morador da comunidade São Luiz, bairro vizinho. O português é um mestre de obras que veio residir no Brasil em decorrência de uma paixão, casou-se com uma nativa e vive de forma simples na comunidade São Luiz. Os negócios dos franceses se desenvolvem na Marina da comunidade do Jacaré, se limitando ao oeste com o bairro de Intermares.

Nicolas (de nacionalidade francesa) é completamente deslocado da realidade conceitual/ideológica prevalecente no grupo de estrangeiros. Comunista convicto e radical, desenvolve trabalhos filantrópicos na comunidade do Jacaré e bate sempre de frente com o grupo de estrangeiros local e, em muitas ocasiões, o clima chega a ficar tenso - existe certa tensão no ar quando ele está presente no grupo.

Certo dia recebi o convite para conhecer a Marina do Nicolas, na praia fluvial do Jacaré, cheguei lá por volta do meio dia, fui recebido com muita cordialidade pelas pessoas que estavam lá, todos gringos. Apesar da predominância de pessoas de nacionalidade francesa, havia alguns belgas e outros que apenas se expressavam em inglês, motivo pelo qual não pude precisar a nacionalidade. O ambiente é bastante espaçoso, tendo bar, piscina, biblioteca, uma grande antessala, onde todos apresentavam a face descontraída.

Sentei-me no bar junto com uma amiga que me acompanhara nessa jornada¹⁰. Logo começamos a conversar descontraidamente. Fomos apresentados a dois velejadores portugueses que haviam ancorado o iate que trouxeram sob encomenda para um comprador do Rio de Janeiro. Entre um gole de cerveja ou um trago de whisky falamos sobre amenidades e demos boas gargalhadas. Os velejadores contavam sobre a sua travessia e nos convidaram a conhecer o iate. De pronto, aceitamos sua proposta e nós direcionamos àquela embarcação luxuosa no valor de um milhão e quinhentos mil euros (quase seis milhões de reais em valores

¹⁰Nos conhecemos em uma das minhas idas ao campo e passamos a desenvolver um relacionamento afetivo, quando contei-lhe sobre minha pesquisa, ela demonstrou extremo interesse e passou a me acompanhar na maior parte das minhas idas ao campo, inclusive me auxiliando com as anotações, filmagens e gravações.

da época). Esse valor me foi informado pelo nosso anfitrião francês. Eu e minha companheira ficamos abismados com o valor da embarcação.

O iate luxuoso que nos fora apresentado tinha dois pisos, além de uma área de repouso sobre a cabine. Na parte inferior, logo abaixo da cabine do veleiro, havia dois quartos com suítes, bastante aconchegantes e confortáveis. Os móveis estavam envoltos em plástico, indicando que ainda não foram usados. Perguntei a um dos velejadores onde eles dormiram durante a sua travessia do Atlântico, de pronto eles me apontaram para a cabine onde podia se vislumbrar um pequeno colchonete.

Nos sentamos todos na parte externa da embarcação e começamos a conversar sobre a situação política e econômica do mundo, sobre como a globalização e a política neoliberal têm impacto similar nos cantos mais distintos do globo. Nesse momento, o nosso acompanhante belga se posicionou contrário ao discurso hegemônico ali, tanto os dois portugueses, quanto o Nicolas se posicionavam contrários às políticas neoliberais. O clima ficou tenso.

Os estrangeiros europeus deste grupo da marina demonstraram que sua consciência política é bem diferente da dos “estrangeiros” do lado de lá, da orla de Intermares. A tonalidade do discurso era, majoritariamente, de apoio às políticas de inclusão social. Eles se colocavam no espectro esquerdo do âmbito da política nacional. Existe, é claro, certo desconforto em alguns, eles sentem o receio de uma represália e uma possível extradição, uma vez que seu discurso diverge do atual governo. O clima de caça às bruxas está presente entre os estrangeiros europeus e os que tentam, de forma acanhada defender as políticas do atual governo, parecem o fazer apenas para manter os seus negócios em pleno funcionamento e fugir da ameaça de deportação.

Dentre os estrangeiros europeus, Nicolas é o mais veemente e radical defensor dos direitos humanos. O lema: *Liberté, égalité et fraternité* está sempre presente em seu discurso. Demonstra um amor enorme pela sua terra natal e pelo Brasil, onde reside a vinte e cinco anos. Nicolas demonstra um amor em especial pelo nordeste brasileiro e classifica os sulistas como nazistas.

Pergunto a ele como enxerga o bairro de Intermares. Sua resposta vem acompanhada de um olhar colérico:

- A maioria dos que conheço aqui (aponta para os arredores) são uns nazistas, fascistas. Não merecem o meu respeito e você não deveria sentar com essa gente, você parece estar em cima do muro.

Explico para ele que faz parte da minha pesquisa, conversar e tentar entender o comportamento dessas pessoas. Isso parece abrandar o seu ânimo. Ele olha para o chão, toma um gole de cerveja e começa a falar sobre sua estadia no estado da Bahia. O fato de estar nestes ambientes como pesquisador, de fato, inibia qualquer forma de posicionamento da minha parte, era impossível concordar ou discordar, sem deixar de atrapalhar os discursos dos interlocutores.

Isso dificultou bastante a pesquisa, porque muitos acreditavam que eu não tinha opinião formada, ou mesmo que me esquivava de forma dissimulada de me posicionar a respeito dos assuntos que tratávamos. E, quando o assunto era política, geralmente eu me afastava e ficava observando ao longe as discussões. Esse era sempre um bom momento para anotações.

O fazer etnográfico contemporâneo pressupõe um envolvimento inevitável com o sujeito de estudo. Eu era neutro, ou melhor, eu estava “em cima do muro”. Era assim que o meu interlocutor me enxergava. Embora, o meu papel como etnógrafo estivesse bem distante desta “acusação” que me fora feita. A antropologia, ainda que sem exclusividade, tradicionalmente identificou-se com os métodos de pesquisa ditos qualitativos: a observação participante, a entrevista aberta, o contato direto pessoal, constituem sua marca registrada. (VELHO, 2002).

Dessa forma, sendo eu etnógrafo e sujeito da minha pesquisa, compreendo os julgamentos a meu respeito que surgem no campo, como verdadeiros dados relacionais do fazer antropológico. Assim, até mesmo as compreensões de meus interlocutores sobre mim, sobre meus posicionamentos políticos, ou mesmo, sobre meus silêncios em determinados momentos, acaba por dizer muito sobre eles e sobre mim também. O meu interlocutor tinha consciência de que eu estava ali fazendo a minha pesquisa e, para este interlocutor especificamente havia uma exigência muito forte acerca dos meus posicionamentos, da minha posição com relação ao mundo ao meu redor - evidente que isso se dava em virtude de sua formação. O Nicolas era um leitor assíduo de temas relacionados às ciências sociais.

Nicolas passava por um momento de contrariedade com a situação política nacional, isto fica claro em suas palavras:

- Adoro a Bahia, mas acho que vou embora do Brasil, já estou aqui na Paraíba há alguns anos, passei outros tantos anos na Bahia. Mas, agora acho que vou embora antes que me deportem. Eu falo abertamente isso lá na Polícia Federal quando vou renovar meu visto. Esta situação não pode continuar. Isso é um absurdo.

(Registro de diário de campo, dezembro/2018)

A realidade política se interpunha entre o meu interlocutor e o seu apego ao Brasil. Ele tem um filho brasileiro e se preocupa com a formação política/cultural do filho em um ambiente que ele considera como sendo fascista. Num de nossos encontros chegou a falar sobre a preocupação da abordagem/método da escola do filho, que ele considerava espantosamente conservadora e inadequada¹¹.

Em certa ocasião, nos encontramos num estabelecimento comercial do bairro, enquanto conversávamos, outras duas pessoas se agregaram a nossa conversa, nesse momento a nossa discussão se dava acerca do cenário político nacional. O posicionamento do Nicolas, que era de crítica ao governo, foi recebido com grande hostilidade, culminando com a agressão de um dos partícipes da conversação que clamava para que ele deixasse o país, pois ele não era brasileiro e sim um comunista infiltrado em nosso território, com o objetivo de desestabilizar o governo para instituir uma ditadura comunista alinhada com o governo chinês.

Essa situação, nos causou grande desconforto e embaraço, tentei explicar que o Nicolas tinha um filho brasileiro e que já residia aqui há um bom tempo, fato que não sensibilizou, pelo contrário, irritou ainda mais este senhor. O meu interlocutor bastante contrariado, começou a revidar as agressões e logo se formou uma confusão, onde tive que interceder para que não se chegasse ali às vias de fato.

Em um outro momento, combinamos de sair para conversarmos e tomarmos umas cervejas. Já havia explicado para ele sobre a minha pesquisa e ele se prontificou a me auxiliar e conversar comigo. Entretanto, quando ele chegou ao local combinado, novas tensões surgiram, ele se recusou inicialmente a sentar onde eu estava, pois lá havia alguns estrangeiros com quem ele, terminantemente, não queria travar qualquer espécie de contato. Mas, por fim, o Nicolas cedeu (muito por apoio a mim e a minha pesquisa), e sentou-se à mesa, mesmo que sua fisionomia demonstrasse para todos os presentes seu desconforto em estar ali. Ainda ficamos por um tempo, acredito que meia hora talvez e, então resolvi que era melhor sairmos daquela mesa, tive prontamente a sua anuência e fomos embora.

Perguntei como estavam as coisas e ele me informou que acabara de regressar da França e que me trouxera um presente. Abriu sua mochila e me presenteou com uma garrafa de whisky escocês. Agradei com um abraço, mas lhe falei que preferiria uma camisa dos *Lesbleus* (seleção francesa de futebol). Ele sorriu e me disse: “tudo bem, você vai ter que se

¹¹ A escola que o filho do Nicolas estuda, é uma escola tradicional e religiosa de classe média alta, localizada no bairro vizinho, o Bessa.

contentar com este presentinho mesmo”. Rimos e ele me confessou que iria colocar a marina à venda:

- Não estou aguentando acompanhar essa degradação moral que acomete o Brasil e não quero que meu filho cresça neste ambiente”. Lamentei. Brindamos. *Allezlebleus, vive La france!* (Bradei).

(Registro de diário de campo, dezembro/2018)

Conversamos bastante sobre a sua estadia no Brasil, na cidade de Cabedelo e, especificamente, no bairro de Intermares. Nicolas afirmou que o Brasil é o país mais racista que ele conhece. Falou que existiam muitos problemas na França, mas que a situação racial brasileira, é bem mais grave do que em qualquer outra parte. Não se vê negros residindo no bairro de Intermares, os negros residem do outro lado da BR, na comunidade do Jacaré como que isolados por um cordão imaginário.

A própria ideia do nome da “Praia do Macaco”, que é um trecho da praia onde se pratica *surf* e onde está localizado o bar do surfista, é uma alusão racista aos frequentadores, pois muitos que vão ali são moradores da comunidade do Jacaré. Intermares é um bairro eugênico, onde a linguagem do dinheiro e da branquitude são a representação do sucesso burguês à moda paraibana.

É importante frisar aqui, que muitos dos *habitués* do macaco e praticantes do *surf* no local, tiveram acesso ao esporte em decorrência da iniciativa de um vereador local que, através de um projeto social, propicia aos jovens moradores das comunidades que circundam o bairro a iniciação na prática do esporte. Alguns chegam inclusive a se destacar no cenário nacional do circuito de *surf*.

Os moradores nativos mais antigos do bairro, entretanto, abordam de outra forma a nomenclatura da Praia do Macaco. Segundo essa outra versão, a região era uma fazenda desabitada e fechada, entre o final da década de setenta e oitenta, onde os garotos que moravam em João Pessoa vinham surfar. A propriedade rural tinha seu início no pequeno Maceió, que serve de demarcação para estabelecer o limite entre as cidades de João Pessoa e Cabedelo, onde hoje se encontra o arco que sinaliza essa região limítrofe e tinha o seu fim no que, hoje, é o bairro do poço.

No início da década de oitenta, mais precisamente entre o período que se estende de 1978 até 1982, foi construída a rodovia estadual que percorre a orla de Intermares - a chamada avenida Oceano Atlântico. A construção dessa rodovia, aliada às peculiaridades naturais da

região, como a desova das tartarugas, capitanearam o desenvolvimento do ainda inócuo bairro de Intermares.

Segundo a narrativa desses interlocutores a origem do nome Praia dos Macacos, se deu em decorrência de que, à época do loteamento do bairro, que compreende o período descrito acima, esta região era repleta de pequenos macacos, os chamados saguis e, por este fato, os garotos de João Pessoa que vinham surfar nesta localidade, batizaram o território como sendo a Praia dos Macacos.

Não deixa de ser romântica essa narrativa que remete, evidentemente, àquele imaginário que já descrevemos e que parece ser a aura do bairro: o lugar paradisíaco, intocado, rústico, selvagem, que tenta se preservar das intempéries do mundo contemporâneo.

No entanto, me parece que a narrativa no tocante à Praia do Macaco, soa como um véu que encobre a segregação racial e os preconceitos inerentes à questão étnico/racial. O bairro não se chama, bairro dos macacos, apenas a pequena faixa que compreende o miolo do bairro se chama assim. Coincidentemente os seus frequentadores são negros e, em sua maioria esmagadora, não são moradores do bairro e sim das comunidades periféricas vizinhas.

O bairro de Intermares, do ponto de vista socioeconômico está mais ligado à vizinha cidade de João Pessoa, ligando-se a Cabedelo apenas geograficamente. A maioria das pessoas que residem no bairro nos dias atuais, trabalham na cidade vizinha e não estão ligadas ao bairro em decorrência dos fatores que inicializaram o povoamento do local. A cultura do bairro se mantém sempre jovial em decorrência da prática de esportes radicais.

Por fim, ressalto uma fábula que alguns moradores antigos do bairro contam a respeito do mar do macaco. Segundo esta versão narrada por Glauco¹², o assobio dos saguis é análogo ao ruído feito pelos usuários de maconha enquanto prendem a fumaça em seus pulmões. A associação feita entre os surfistas usuários de maconha, e os pequenos primatas teria sido então, segundo esta versão lúdica, dado origem a nomenclatura da Praia do Macaco.

¹² Morador primevo do bairro. Detém forte influência política na região metropolitana da capital.

4. OS ESTRANGEIROS SÃO ELES

4.1. A simbologia do estrangeiro (não pertencimento)

O significado da construção do sujeito migrante e a percepção de seus deslocamentos espaciais como migrações, são fundamentais para a percepção e a análise de sujeitos e grupos em deslocamento espacial. As noções de estrangeiros, identidade étnica e regional e das estratégias e planos de organização social são os alicerces deste trabalho etnográfico. Se o mover for o contraste conceitual do fixar-se, com a liberdade em relação a cada ponto dado do espaço, então, a forma sociológica do "estrangeiro" representa, não obstante, e até certo ponto, a unidade de ambas as disposições. Revela também, certamente, que as relações concernentes ao espaço são, por um lado, apenas, a condição e, por outro, o símbolo das relações entre os seres humanos (SIMMEL, 2002).

Os grupos de estrangeiros estudados, são bastante rígidos na sua composição e na sua forma de interação. Os meus interlocutores em suas falas sempre demonstraram alguma forma de resistência à integração com os moradores locais, alguns de forma explícita explanaram sobre o seu bairrismo e mesmo sobre a sua compreensão de superioridade. Essa preocupação em demarcar áreas exclusivas de convivência reflete a preocupação por parte desse grupo de manter a sua homogeneidade e hegemonia em uma terra onde eles próprios são os forasteiros, criando dentro desta comunidade fechada, vínculos de solidariedade que vão desde a cooperação nos negócios, das reuniões familiares, até mesmo a formação de compadrios e, portanto, formando sólidos laços de parentescos entre si.

Muitos “estrangeiros” mudaram para esta localidade com toda a família, pretendendo aqui residir de forma definitiva. Outros tantos, vieram para este bairro em busca da utopia da classe média - morar em bairro nobre, vista para o mar, apartamentos amplos, pouco trânsito, segurança, etc. Em estando no bairro existe uma tendência de que outros familiares venham para visitar e acabem ficando para morar.

Os estrangeiros são vistos pelos nativos como um objeto constantes de desconfiança, diferentemente do tratamento dispensado àqueles que vêm com o objetivo de fazer turismo. Aqueles que ficam com o propósito de estabelecer residência na localidade, passam a ser vistos como ameaça, especialmente pelo fato de empreenderem seus negócios em concorrência com os nativos. As inquietações são muitas. O estrangeiro, o estranho ao grupo,

é considerado e visto, enfim, como um não pertencente, mesmo que este indivíduo seja um membro orgânico do grupo, cuja vida uniforme compreenda todos os condicionamentos particulares deste social (SIMMEL, 2002).

É nítido o propósito dos estrangeiros de estabelecer residência definitiva no bairro, alguns dos meus interlocutores residem aqui há mais de trinta anos, e se orgulham de fazer parte da história do bairro, ou até mesmo de ressaltar a sua função como fundadores do bairro. Em suas narrativas, percebe-se o tom nostálgico com que contam sobre as configurações do bairro de outrora, que já não existe mais. Uma praia distante, pouco habitada, onde ninguém queria morar.

Além de fenômenos raciais, de classe, de etnia, as configurações morfológicas do bairro se encontram fomentadas em múltiplos outros fatores: de um estrangeiro moderno, fruto da mobilidade social, de um estranho no sentido espacial e cultural. A unificação de proximidade e distância envolvida em toda a relação humana, organiza-se no fenômeno do estrangeiro. A distância significa que ele, que está próximo, está distante; e a condição de estrangeiro significa que ele, que também está distante, na verdade, está próximo, pois ser um estrangeiro é naturalmente uma relação muito positiva: é uma forma específica de interação (SIMMEL, 1983).

O grupo de moradores antigos, formados por pessoas da terceira idade, eram de difícil acesso para o diálogo. Caracterizado por pessoas extremamente desconfiadas - é muito importante para essas pessoas saberem quem é o outro. Entretanto, consegui acessar um grupo de moradores antigos do bairro formado por muitos estrangeiros, outros tantos nativos, adeptos da boêmia e amantes do violão.

Logo me inseri no seio deste grupo, embora a resistência tenha sido maior do que encontrada entre os contemporâneos. No meio deles, encontrei Normando – ex-jogador de futebol, natural da cidade de Belo Horizonte/MG. Normando chegou ao bairro no final dos anos setenta e sua história de amor pela localidade aumentou através dos anos. Foi através dele que acabei me inserindo no núcleo dos moradores mais antigos do bairro.

Perguntei a Normando o motivo de ter vindo morar no bairro, já meio trôpego ele me respondeu: olha vim aqui para jogar bola, fui morar em Campina Grande para jogar no Desportiva Borborema, time de lá, e depois vim para cá. Esse bairro não tinha nada, era só terra, algumas poucas casas, muitos coqueiros. Ninguém queria vir morar aqui.

A mesa do bar estava cheia, três mesas juntas, muitos copos de cerveja na mão, algumas risadas, outras pilhérias. Os insultos e as provocações fazem parte desse contexto.

Sentado ao lado de Normando estava um homem muito branco, olhos azuis claros, aparentando seus sessenta e poucos anos, o nome dele é Paulo Adão, que também chegou ao bairro no final da década de setenta. O sotaque de Armando é muito forte, embora seja um curitibano, seu sotaque soa como o de um gringo e sua fisionomia poderia mesmo confirmar isso.

Armando é descendente de Judeus e nossa conversa se iniciou da seguinte forma:

- Eu: Como você veio parar aqui?

(Ele prontamente me responde)

- Fiz um concurso para o INSS e estou prestes a me aposentar, quando cheguei aqui não tinha nada. É como o Normando aqui falou. Só mato. Coqueiros, nada mais. Aqui é o paraíso, já foi melhor. Não saio daqui por nada.

(Pergunto então se ele não sente falta da sua terra natal, mal terminei de formular minha pergunta e sou interrompido, com um veemente “não”)

- Não! Meu filho voltou às origens, mas eu não deixo esta terra. Aqui é bom demais, oxe!

(Registro de diário de campo, junho/2019)

Se percebe aqui que a expressão “oxe”, entoada pelos nativos, é utilizada em tom de familiaridade e de busca de identidade com a cultura local. A forma amistosa de se utilizar certas gírias e/ou dialetos locais esconde, no entanto, a pretensão de superioridade que se manifesta no linguajar estrangeiro. Daí, percebe-se que, mesmo depois de várias décadas de estadia, ainda permanecem com o sotaque inalterado de forma a jamais serem confundidos com um nativo. A linguagem aparece como um diferenciador, um delimitador cultural. O sotaque demarca os espaços estrangeiros e, estes espaços demarcados representam o não pertencimento do nativo e da cultura local.

O nativo se enquadra, portanto, dentro desta lógica invertida como sendo um *outsider* dentro do seu próprio espaço, ou seja, da sua territorialidade. Pode-se desprender das conversações enunciadas acima, que uma série de elementos como hierarquia social, autoimagem, estigmatização, orgulho/poder, pertencimento grupal, tradição cultural, temporalidade de existência, anomia (tensão entre grupos “nômicos” e anômicos), estilo de vida, homogeneidade, coesão e solidariedade social entre grupos, submissão e conformidade, prestígio, relações de poder no cotidiano, imagens e símbolos de superioridade, depreciação e inferiorização de outras camadas, imagens estereotipadas e estigmatizadas etc, as quais vão reconfigurando os velhos e novos habitantes do lugar, definindo quem é do local e quem é de fora (estrangeiro) (ELIAS; SCOTSON, 2000).

Numa de minhas conversas com um nativo, cujo pai foi o proprietário do território que futuramente veio a se tornar o bairro de Intermars, terras estas que compunham, na realidade

uma grande fazenda (já descrita anteriormente), percebi que o tom nostálgico está mais presente nos estrangeiros do que nos nativos. O grande desenvolvimento do bairro, que na década de noventa chegou a ser noticiado na mídia nacional como um dos grandes canteiros de obras do país, é motivo de orgulho para os moradores originários daqui.

Humberto é o meu vizinho, mora numa enorme casa, ao lado do prédio em que resido, minha janela lateral dá para o jardim da casa dele, quase sempre nos cumprimentamos por ali. Sua irmã é proprietária de um restaurante na avenida Oceano Atlântico, certa feita o encontrei por acaso, e começamos a conversar. Apenas nos víamos, mas não tínhamos ainda conversado. Descobri naquela conversa que ele conhecia basicamente todos os antigos moradores do bairro, e que era pessoa influente nesta localidade. Perguntei sobre a qualidade de vida no bairro, ele sorriu e disse:

- Aqui já foi mais promissor. Está desacelerando.

(Registro de diário de campo, junho/2018)

Obviamente que a maioria dos estrangeiros não corrobora com esta premissa. O discurso predominante é outro, e parece que tanto nos discursos dos moradores mais antigos, como dos mais recentes, essa praia parece representar sempre um futuro promissor - um lugar para se residir e prosperar. A aura de prosperidade está sempre resplandecente na fala dos meus interlocutores.

A maioria dos estrangeiros buscam manter sua estadia no bairro através da abertura de pequenos comércios, mais especificamente os voltados ao lazer: bares, restaurantes pousadas, etc. De certa forma, logram êxito em satisfazer a demanda dos turistas que aportam nessa localidade e, a familiaridade cultural com esses, até certa medida, é fator determinante para o bom andamento dos negócios. Nesse ponto, é interessante notar que existe uma cumplicidade entre esse grupo de estrangeiros. Dificilmente eles frequentam estabelecimentos que não sejam de proprietários também estrangeiros. Se forma uma cúpula e essa é orientada a criar tendências e definições de quais lugares estão aptos ou não a serem frequentados.

Formando mesmo “migrações” entre bairros, grupos de moradores estrangeiros do bairro de Intermares vão à outra extremidade da cidade para “homenagear” o estabelecimento de outro estrangeiro, formando dessa forma, uma rede de solidariedade que transcende a esfera econômica e criando, em certa medida, uma unidade “familiar” que vai se materializar nos compadrios endógenos feitos entre eles.

Até agora tenho tentado demonstrar como as relações dos estrangeiros se firmam de uma forma a excluir a relação com a cultura local, criando em certa medida um sentimento

dentro deste grupo que, mesmo estando em terras alheias, os estrangeiros (aqui no sentido de estranhos e diferentes) não são eles, mas sim, os outros.

A presença dessas pessoas nos locais, sempre em grupo, reforça essa pretensão de unidade e, de forma inconsciente, afirma um predomínio deste grupo sobre a localidade. Até mesmo na linguagem e nas ações existe a intenção de imposição dos valores estrangeiros sobre os valores locais.

As relações dentro deste grupo se tornam ainda mais complexas quando adicionamos a questão da sexualidade. Neste ponto, o choque cultural pode parecer deveras devastador, pois a maioria dos moradores nativos são pessoas, em sua maioria idosas e de forte tradição católica, embora a presença dos evangélicos hoje seja bastante significativa em qualquer região do país, não seria diferente em Intermars.

A maioria dos moradores locais são bastante conservadores com relação às questões sexuais e, o grupo de estrangeiros são bastante abertos a outras práticas.

Embora os estrangeiros reproduzam certos valores de conotação liberal, em muitos aspectos eles adotam comportamentos extremamente conservadores e discriminam abertamente certas práticas sexuais. Em diversas oportunidades pude constatar a intolerância aos grupos homossexuais. As próprias “brincadeiras” sobre sexualidade reproduzem o sentimento de aversão e de pretensa superioridade heterossexual. Embora tenha encontrado dentre os meus interlocutores, uma mulher estrangeira que se diz chocada com as práticas “libertinas” que, segundo afirmou, não teria visto nem mesmo na capital Paulista, sua cidade de origem. A maioria das pessoas do grupo aqui estudado são formadas por casais, boa parte sem filhos e mesmo sem a pretensão de tê-los.

É interessante notar também que grande parte do grupo que pesquisei é oriunda do interior de outros estados - e o bairro de Intermars se localiza na região metropolitana da cidade de João Pessoa. De certa forma, para essas pessoas, estar aqui representa também uma ascensão, não só do ponto de vista material, mas também do ponto de vista cultural, de usufruir o que uma capital pode proporcionar em termos de lazer e cultura. Um dos meus interlocutores fez questão de ressaltar que no seu estado de origem ele era retratado como caipira. A migração fez com que ele sentisse, ao mesmo tempo, a emancipação de morar em uma zona metropolitana, mas sem ter a “pecha” de caipira. E ainda mais, a visão dos residentes sobre a sua região de origem, fez reavivar nele um sentimento de superioridade, o que seria impossível para ele, em seu próprio estado de origem.

A ascensão social também está presente nesse discurso, esse mesmo interlocutor veio de família operária, e o fato de residir num bairro de classe média, numa praia, ativou nele e na sua família o sentimento de ascensão social. As suas relações com os outros estrangeiros, em certa medida, só podem existir em decorrência dessa “migração” não apenas territorial, mas também de classe.

Era fim de tarde do mês de novembro de 2018, estávamos sentados eu e o Flávio, na conveniência do Mar Bello – contemplávamos o mar e como em todos os nossos encontros, tomávamos algumas cervejas. O mar de Intermares estava bastante calmo naquele dia, o tempo parecia estar parado lá fora e ali no bar encontrávamos toda a calma possível para uma conversa agradável, não havia nenhum cliente além de nós dois, as atendentes fofocavam por trás do balcão. Riamo-nos dessa situação, lá fora uma coruja acabara de pousar e parecia contemplar o mar, assim como nós. Falávamos sobre tocarmos juntos e, de repente, eu quebro com a simplicidade da conversa e pergunto sobre qual era a sensação de ser um paulista morando em Intermares. Ele me fixa com um olhar sério:

-Mano! (Seu sotaque paulista é bastante acentuado) você sabe que eu sou do interior do estado né? Lá em São Paulo (capital) eu era bastante discriminado por ser caipira. Você sabe como é isso, né? Então eu sei como é essa história. Mano! Aqui é diferente, você sabe, né? Eu gosto de shopping, esse shopping daqui não é legal.

(Registro de diário de campo, outubro/2018)

Flávio não é o único estrangeiro que vem do interior, na realidade a maioria dos estrangeiros que faz parte do grupo aqui estudado, são originários do interior dos estados de São Paulo e do Paraná. Vêm geralmente de cidades pequenas como: Tupã, Araraquara, Londrina. Em comum, todos nutrem um profundo sentimento de conquista por morarem numa cidade praiana, e o fato de serem de fora aparece como um marco para definir relativa aura de descolado, de cosmopolita. Enfim são traçadas estratégias de convencimento do outro, da sua superioridade. E isso é utilizado inclusive na hora da conquista de um parceiro sexual.

Sexta feira, início da tarde, novembro de 2018. Parei no *point* da praia: o trailer do Mago. O Júnior é o proprietário do pequeno negócio na praia de aluguel de cadeiras, venda de cervejas e lanches naturais, ele sempre arma uma imensa tenda, que é bastante agradável para aqueles que não querem se expor ao sol - as cervejas geladas vendidas por ele são o chamariz para o local. Ele gosta de paquerar as meninas, “está sempre no ataque”. Embora ele seja casado, e sua esposa trabalhe com ele no *point*, sua prática de azaração “descarada”, juntamente com as suas falas, revelam sua personalidade machista.

O machismo é definido como um sistema de representações simbólicas, que mistifica a relação de exploração, dominação e sujeição entre o homem e a mulher. Embora os estrangeiros aleguem que a prática do machismo seja inerente ao comportamento dos nativos, em várias circunstâncias pude notar que esta prática é bastante difusa entre eles. A exploração do trabalho da mulher, por exemplo, é bastante comum. Deveras, pareça existir uma maior cumplicidade/liberdade entre os casais de estrangeiros, a hierarquização calcada na diferença de gênero se manifesta como similar às relações nativas.

Digamos que o machismo se expressa entre os estrangeiros com uma roupagem mais sofisticada, mais dúbia, entretanto, estruturalmente cimentado. O machismo constitui, portanto, um sistema de representação/dominação que utiliza o argumento do sexo, mistificando assim a relação entre os homens e as mulheres, reduzindo-os a sexos hierarquizados, divididos em polo dominante e polo dominado, que se confirmam mutuamente numa situação de objetos (DRUMONT, 1980).

Ele (o Júnior) é um dos mais exacerbados defensores do “clã paulista¹³”, junto com o seu fiel amigo Nando. Eles “azaram” todas as mulheres que adentrem no seu território. E esse fato levaria a algumas confusões que culminaram com a extinção do *point*. Presenciei algumas cenas, onde a autodefesa do grupo se manifestou de forma intransigente e violenta. Estávamos todos sentados embaixo do grande guarda sol, o papo estava descontraído como sempre, ao meu lado estava um senhor de quase setenta anos de idade tomando uma dose de cachaça, enquanto os demais tomavam cerveja. Um rapaz Paulista começou a explicar sobre o fato de os paraibanos serem cachaceiros em tom pejorativo. O senhor que bebia a cachaça alertou o rapaz de que a cachaça era um símbolo nacional e que representava o Brasil no exterior, afinal o Brasil é o país da caipirinha e das mulatas, disse ele com um olhar enérgico.

A discussão continuou, os ânimos se exaltaram. Os paulistas gritavam, vocês são cachaceiros mesmo. O clima ficou tenso, logo chegou à “turma do deixa disso”. Depois que o senhor foi embora voltou-se a mesma discussão só que agora de forma mais branda; de fato, pela ausência do antagonista, o paulista Antônio se sentiu mais livre para ponderar:

- É verdade, em São Paulo se bebe cachaça sim. Mas lá só os pobres é que tomam isso. Aqui todo mundo bebe cachaça.

(Registro de diário de campo, agosto/2018)

¹³Conjunto de famílias que se presumem ou são descendentes de ancestrais comuns. Uso o termo aqui no sentido análogo, pois os estrangeiros se unem e, se identificam como sendo uma família, em decorrência dos seus laços de origem. A origem aqui toma contornos que reforçam a ideia de familiaridade do grupo.

A cachaça aqui parece ter quebrado um paradigma social, não foi o fato de beber cachaça que incomodou os paulistas, mas sim, o fato de um senhor de uma classe social elevada estar fazendo uso da bebida. O mais interessante nesse confronto, foi o ataque em grupo feito pelos paulistas, deixando o senhor constrangido e excluído do grupo.

Noite de sexta feira do mês de novembro de 2018, toda a turma está reunida no *point* do Açai. Um caminho formado por tochas acesas ilumina o lugar, a lua está começando a despontar no horizonte - é o início do luau. Todos estão num clima festivo e ameno, um violonista anima a todos, uns estão tomando cerveja, outros fumam maconha. A noite parecia que seria repleta de harmonia, no entanto, aparece um homem de mais ou menos uns dois metros de altura à procura do Nando e o encontra. A festa para. O homem fala aos berros: “você pensa que aqui na Paraíba não tem macho não? Você se fudeu! Encontrou!”

(Registro de diário de campo)

A noite que começou tranquila quase terminou em tragédia. Este homem estava armado, depois fiquei sabendo que o motivo da confusão teria sido um possível assédio à mulher dele.

Esse episódio ressaltou dois importantes traços do grupo de estrangeiros. Em primeiro lugar, os laços de solidariedade existente entre eles. Todos saíram em defesa do Nando. Em segundo lugar, a visão mais liberal que estes têm com relação ao flerte. Eles flertam independentemente de as pessoas estarem acompanhadas ou não. Esse é um traço comum dentro desse grupo, as relações afetivas são bastante flexibilizadas, embora quando estes percebem alguma forma de aproximação indevida com os seus parceiros, eles se “resolvem” em tom de brincadeira usando o termo “talarico”. Certa vez, a parceira de um dos estrangeiros se aproximou de mim de uma forma mais “ousada”, e o seu parceiro de longe alertou: “Ei mano! Não vai dar uma de talarico, hein!”

Entendi que o termo talarico deveria se referir a alguém que desrespeita os amigos. De fato, minha interpretação não estava muito distante do verdadeiro significado da palavra. Ainda assim questioneei qual seria o significado da palavra talarico. De supetão obtive a resposta: “fura olho!”.

Rimos todos. Me desculpei e falei que eu jamais seria um talarico. O episódio do luau levou a um choque com a cultura local que, por pouco, não terminou muito mal. Contudo, no outro final de semana lá estávamos todos novamente e os jogos continuavam os mesmos. Alguns nativos mostram compactuar com certo liberalismo sexual, outros não conseguem se enquadrar nesse cenário de flexibilização.

Da mesma forma, existem casais de estrangeiros que se averbam como conservadores e defensores dos valores sagrados da “família tradicional brasileira”. Como disse anteriormente, a imagem que os estrangeiros têm dos nativos é erigida com base em certas premissas preconceituosas. O machismo é apenas uma dessas características atribuídas aos habitantes locais como sendo inerentes a sua própria cultura e esta seria mais uma característica do seu subdesenvolvimento e do seu atraso em relação ao modo de vida dos estrangeiros. No entanto, como já apontamos, embora de uma forma um pouco mais dissimulada, a prática do machismo também está intrincada nas relações dos estrangeiros.

A questão de classe está bastante presente dentro das relações do grupo, como dito anteriormente, esse grupo é bastante homogêneo e rígido, e uma das questões necessárias para ser “aceito” é exatamente o critério de classe. Muito embora, até mesmo na hora da contratação da mão de obra, a predileção é pelos que vêm de fora - os nativos são sempre a última opção, e mesmo assim indesejada. Os nativos são considerados preguiçosos e burros.

Fui convidado para um churrasco na casa de um estrangeiro que mantém um negócio de médio porte na área de hospedaria na cidade de João Pessoa. As poucas pessoas nativas que estavam lá, estavam apenas para servir. Me deparei com um grupo de gaúchos e paranaenses, fui muito bem recebido no local. Começamos a conversar e o fato de alguns serem advogados me deu certa margem para interagir de forma mais rápida. Além dos assuntos relacionados à advocacia, adentramos nas questões do mundo do trabalho. As relações empregado/patrão.

Obviamente que o preconceito de classe não é uma exclusividade dos estrangeiros, esse preconceito se dá e até com intensidade entre os nativos também. Aqui abordarei outra questão que extrapola a questão de classe e esbarra na questão étnica/racial. Perguntei ao meu anfitrião sobre a sua relação com os funcionários do seu estabelecimento:

- Olha, é muito difícil. Primeiro que parece que eles têm dificuldade em entender o que nós falamos. Não são capazes de fazer uma simples subtração ou adição, além de não saberem se expressar. Temos muita dificuldade em contratar pessoas.

Notei que a maioria dos funcionários dos estabelecimentos comerciais dos estrangeiros são também estrangeiros. Uma espécie de “importação” de mão de obra. A fala aqui aparece com destaque. O sotaque estrangeiro dá ares de civilidade ao estabelecimento. As pessoas que trabalham na recepção ao público têm que manter uma distância do “primitivo” que se materializa na fala nativa. Os trabalhadores nativos não devem interagir com o público.

A questão da fala (sotaque) tem uma dimensão muito forte na cultura desse grupo de estrangeiros, eles dão ênfase à superioridade da sua linguagem. E, em muitas ocasiões, debocham do sotaque nordestino.

Em um de meus encontros com um estrangeiro que exerce a profissão de dentista, presenciei uma cena bastante elucidativa daquilo que já tinha intuído em minhas conversações. O fato: olhando pela janela do seu consultório, o profissional liberal chamou sua secretária e lançou: olha fulana, teu companheiro. Me estiquei para observar quem seria o tal companheiro da secretária e vejo um jumento que vai passando na rua. Fiquei constrangido com tal situação, fitei meus olhos sobre a secretária - ela não parecia constrangida, seu rosto não demonstrava qualquer esboço de repúdio àquele gesto abjeto do dentista. No entanto, sua face sem expressão demonstrara a submissão que se projeta sobre as pessoas em decorrência das relações de trabalho. Pensei que o episódio se resumiria, a esta inexpressividade subalterna, mas estava equivocado. De forma muito sutil e cortês, ela falou:

- Olha doutor, a menina lá do supermercado falou ainda agora que o senhor me maltrata, que o senhor me ofende e que eu deveria reagir. Ela disse que o senhor me chama de burra. Mas eu defendi o senhor. Disse que não era nada disso, que era apenas brincadeira. (O dentista então retrucou)
- É isso mesmo. Você não faz as coisas direito. Tenho que falar a verdade.

(Registro de diário de campo, março/2019)

Esse diálogo, que caracteriza materialmente assédio moral, é uma conduta comum nessas relações. Aqui, mais uma vez enfatizo que, em se tratando das relações de classe, essa premissa não é de exclusividade dos estrangeiros. Mas o preconceito étnico/racial resta por demais comprovado nessas falas.

Muitas circunstâncias como essa tive oportunidade de presenciar, onde o preconceito em decorrência da origem, da etnia e da raça da pessoa se manifestam de forma explícita. Isso inclusive, gerou muita tensão entre os residentes e os estrangeiros. Claro que, na situação narrada acima, a questão de classe se sobrepõe e legitima a ação racista, por pressupor a inércia do violentado em função de sua condição de subalterna.

Era uma quinta feira do mês de novembro/2018, saí de casa por volta do meio dia, não queria sair naquele dia. Foi doloroso para mim sair da cama. Não estava me sentindo muito bem, estava com náuseas. Mas eu havia marcado uma conversa com o Alexandre. E eu sabia que essa conversa seria difícil, pois sabia a carga de preconceito racial e de xenofobia que acompanhava as suas falas. Lavei o rosto e fui, marcamos de conversar na praia mesmo, em um boteco. Quando cheguei, ele já estava lá, sentado no balcão tomando cerveja. Estava

animado, me recebeu calorosamente:- “meu amigo Maktor!”. Cumprimentei e nos sentamos. Começamos a falar sobre sua terra natal e, de alguma forma, a falar sobre os judeus. Ele falou que admirava os judeus, que era um povo rico, etc. Então mencionei que havia um movimento de retorno dos judeus sefarditas e que este movimento estava ganhando dimensões consideráveis aqui no estado da Paraíba. Ele exclamou:

- Judeus aqui! (Ar de deboche)

- Aqui só tem é um bando de cabeça chata.

(Registro de diário de campo, dezembro/2018)

Pedi a conta. Ele me questionou se não iríamos ter a nossa conversa. Falei que não estava muito bem e fui embora com o estômago embrulhado. Nossa curta conversa, foi mais do que suficiente para constatar aquilo que já se apresentara nas suas falas de outrora. O racismo está presente dentro do grupo de estrangeiros de forma muito peculiar, sua manifestação se dá em diferentes intensidades, desde a sutilidade (nada sutil) de uma brincadeira, até a fúria odienta do comentário narrado acima.

Noite de quinta-feira, novembro/2018, a turma de estrangeiros estava reunida num *trailer* da orla, chego lá de supetão. O clima está animado e descontraído. Todos festejam, brindam, se saúdam, se abraçam. Noto a presença de um estranho no grupo, um rapaz aparentando seus vinte e dois anos. O fato dele ser africano, obviamente o destacava dos demais, o seu sotaque e o seu fenótipo denunciavam sua origem gringa¹⁴. Me aproximei do rapaz, percebi que esta noite poderia ser bastante produtiva para a minha pesquisa.

Todos o chamavam de Mbappe, por conta do seu sotaque francês. O jovem africano e de origem Congoleza, estava fazendo intercâmbio no Brasil, através da Universidade Federal da Paraíba e trabalhava como garçom num bar cujos proprietários era do grupo de estrangeiros aqui estudados.

Não demorou muito a começarem as “brincadeiras” racistas. Do tipo: “Gostei de você, lá em São Paulo eu tenho um amigo que é mais preto do que você”; “Olha! Como os seus dentes são brancos!” etc. Logo percebi que o jovem estava se sentindo bastante incomodado, ele tentava se isolar do grupo e ficava num canto recluso. Me aproximei e começamos a falar

¹⁴Uso esse termo aqui (gringo), mas ele me parece impróprio, pois o termo gringo é utilizado para os estrangeiros brancos, fato que reforça ainda mais o nosso racismo. Reparei em várias ocasiões em que existiam pessoas de origens não europeias, que a categoria “gringo” não era utilizada. Dessa forma, passamos a entender que ser gringo é uma afirmação de superioridade, de privilégios e de riquezas que não se adequam aos estrangeiros não brancos e que têm sua origem em países periféricos, em especial, os Africanos. Ser gringo, portanto, seria necessariamente, uma representação do poder político e econômico que o branco europeu exerce na realidade brasileira.

sobre o seu trabalho no restaurante. Ele elogiou os seus patrões e disse que eles o tratavam como um igual. Nossa conversa não passou desse breve instante, pois a sua patroa que estava ali conosco já havia lhe chamado um Uber, e assim ele foi embora. Não o vi mais.

No sábado, fui até o restaurante onde esse jovem trabalhava, para tentar estreitar os laços com ele e para aprofundarmos a nossa conversa. Sentei-me, pedi uma cachaça e um pouco de feijoada. A proprietária do restaurante veio me cumprimentar, conversamos um pouco, ela estava tomando uma cerveja e sentou-se à mesa para me fazer companhia. Na primeira oportunidade, lhe perguntei sobre o jovem Mbappe. De pronto ela respondeu: ele não trabalha mais aqui. Perguntei o motivo e ela se limitou a dizer que ele dava muito trabalho e mudou de assunto. Percebi que o assunto a incomodara e me conformei em silêncio.

Esse episódio da praia com o jovem africano, e o desconforto visível dele, retrata muito bem a cultura de segregação e de eugenia praticada não apenas pelos estrangeiros, mas pelos moradores de forma geral do bairro de Intermars. O jovem parecia estar ali como em exibição em um circo de horrores, sendo tido como um objeto de curiosidade e estranheza, por parte dos habitués.

Esse caso não foi o único que tive oportunidade de presenciar o desejo segregacionista no bairro. Estávamos todos sentados na conveniência Mar Bello num dia de novembro/2018, havia um grupo de estrangeiros e outro grupo de nativos, a essa altura eu já fluía bem entre os dois grupos, estava familiarizado e era tido como membro de ambas as turmas. Fui surpreendido com o chamado de uma das garçonetes para que eu fosse até o balcão, pois a gerente precisava falar comigo. De pronto atendi ao seu chamado e fui saber do que se tratava. Chegando ao balcão me deparei com um casal inter-racial de gringos com um bebê de colo. A gerente sabia que eu falava um pouco de inglês e me chamou para tentar intermediar o diálogo entre eles. O casal era de origem alemã, logo o meu inglês intermediário, unido ao sotaque deles dificultou bastante a nossa conversação. Mas acabamos por nos entender, eles queriam saber onde ficava a piscina do prédio. Falei que era na cobertura. Eles agradeceram e foram embora.

Ao voltar para a mesa tive que ouvir todos os tipos de chacotas racistas. As pessoas ali não aceitavam o fato de uma mulher loira e bonita se relacionar e ter filhos com um negro. Todos estavam horrorizados. Sentei-me e continuei a tomar o meu trago e a conversar com as pessoas da mesa. Passado um pouco mais de uma hora, o casal desceu e veio sentar-se numa mesa próxima a nossa. O clima de hostilidade não passava despercebido para o casal. Podia sentir isso em seus olhos. Eles me cumprimentaram e agradeceram por ter sido seu intérprete.

Devolvi o agradecimento com um brinde: *Cheers! You are welcome here*¹⁵. Eles sorriram, ficaram mais um pouco, tomaram apenas duas cervejas. Se despediram e foram embora.

Um outro episódio, que enfatiza o comportamento megalômano e racista que prepondera no bairro, aconteceu numa manhã de sábado do mês de dezembro/2018, em uma das padarias do bairro. Era por volta das oito horas da manhã, estacionei meu carro em frente à padaria e adentrei no estabelecimento para tomar o café da manhã. Como de costume havia muitas pessoas no ambiente, alguns comprando suas guloseimas, outros sentados junto ao balcão onde são feitos os pedidos. Sentei-me, pedi uma tapioca e um suco de laranja. Enquanto aguardava, percebi um carro de luxo (Porsche) estacionar ao lado do meu. Um casal inter-racial desceu do carro. Uma senhora aparentando seus cinquenta e poucos anos, muito elegante, trajando roupas finas (de boutique), cabelos loiros muito bem penteados, extremamente perfumada. O companheiro dela, um homem muito bonito de uns dois metros de altura, negro de pele bem escura, trajando roupas de academia, pelo seu porte atlético e sua fisionomia um pouco cansada, supus que ele acabara de sair do treino.

O casal chamara a atenção de todos. Eu fiquei observando discretamente por trás dos meus óculos escuros, enquanto terminava o meu suco de laranja. A mulher sentou-se à mesa, enquanto o seu companheiro que era mais jovem que ela umas duas décadas, foi até o refeitório se servir.

De repente, a calmaria do ambiente é quebrada por gritos estridentes de revolta da senhora contra um dos atendentes da padaria: “Isso é um absurdo! Um roubo! Não vou pagar por isso! E você não se atreva a colocar essa comida na boca. Vá para o carro agora!” (Ordenou ela a seu companheiro, que prontamente, sem esboçar nenhuma palavra, atendeu). O atendente tentava acalmar a senhora, dizendo-lhe: “Se a senhora não estiver satisfeita, não precisa pagar. É um direito seu”. Ao que a senhora retrucou: “Não pagarei mesmo, e mais, que isto seja descontado do seu salário. Seu inútil!”. O casal entrou no carro e partiu. Não houve manifestação alguma por parte das pessoas presentes ali. Ninguém pareceu se comover com a cena. Tudo seguiu como se nada tivesse acontecido. Belo sábado de sol em Intermare.

Pedi outro suco, e fiquei pensando sobre tudo que já tinha vivenciado em minha pesquisa. Meu estômago estava embrulhado e mais uma vez me via em “cima do muro”. Me lembrara da fala do Nicolas que me cobrava um posicionamento político diante de certos acontecimentos do bairro, o fato de não me posicionar naquele momento, não ter esboçado uma reação, não ter advertido aquela senhora sobre a inadmissibilidade da sua grotesca ação,

¹⁵ Em tradução livre quer dizer: Brinde, vocês são bem-vindos aqui!

tudo isto me incomodava e me senti acovardado diante da circunstância. Me senti pequeno e humilhado, tal qual o atendente, me identifiquei com ele em sua dor e em seu silêncio subserviente e necessário. Me dirigi com muita cautela ao atendente que acabara de ser agredido e tentando não chamar a atenção dos demais, perguntei-lhe, como ele estava se sentindo. Ele não pareceu estar abalado, ao menos por fora, e me disse:

- Isso é muito comum aqui. Acontece sempre. As pessoas daqui são assim mesmo. São pessoas ricas né! Elas podem. Já estou acostumado. Eu preciso do emprego, tenho que aguentar. Outro dia, estava no caixa e não tinha troco. Cinquenta centavos. Tinha acabado de abrir o caixa, e por isso não tinha troco. O cliente não aceitou o fato e pediu para o gerente me despedir. É assim o tempo inteiro. Preciso do emprego.

(Registro de diário de campo, fevereiro/2019)

Cumprimentei-o e saí dali. Aquela cena ficou ecoando na minha cabeça, junto com tantas outras. Parecia que minha mente estava em estado de devaneio. Dirigi o meu carro pela orla, senti a brisa. As pessoas andando calmamente pelas ruas do bairro, muitos surfistas; final de semana é assim. Vaguei pelas ruas do bairro por um certo período, como um autômato. Sábado é um bom dia para ir ao campo, mas o campo veio até mim inadvertidamente e me golpeou forte no estômago.

4.2. Uma questão temporal

Faço aqui um aparte, para contextualizar o momento político em que transcorreu a minha pesquisa (2018/2020). Em 2018 houve as eleições presidenciais e marcou um ano bastante tenso, mais do que os anos anteriores. Desde 2013 o país vinha se arrastando numa grave crise política/institucional em decorrência de um sentimento pujante de objeção às políticas progressistas/inclusivas adotadas pelos governos anteriores. Esse sentimento se materializou em grandes manifestações de rua, com características antidemocráticas e antirrepublicanas que culminariam com um processo de impeachment e, consequentemente com a eleição de um presidente que representaria as forças da extrema direita e o seu projeto de pulverização das conquistas alcançadas pelo conjunto das forças progressistas.

O sentimento de ódio às minorias e aos grupos mais vulneráveis da nossa sociedade se intensificou exponencialmente durante todo este período, especialmente no ano de 2018, com a ascensão de um líder fascista ao poder, os ataques às instituições democráticas e aos valores republicanos se tornaram uma constante. Esse processo de empoderamento dessas forças

conservadoras, certamente, auxiliaram no afrouxamento das amarras sociais que impediam determinados comportamentos. É certo que os racistas, os misóginos, os homofóbicos, se sentiram legitimados a expressarem com veemência os seus ódios e, não só no discurso, mas na prática também.

Neste cenário dantesco, evoluiu meu trabalho de campo. Não digo que o resultado seria diferente se estivéssemos em um outro cenário político, mas, de fato, é importante ressaltar que esse momento específico da nossa história contribuiu bastante para que tantos discursos horrendos pudessem ser proclamados sem nenhuma cerimônia, desnudos de qualquer constrangimento. A atmosfera de ódio aos comunistas, assim como as políticas encampadas pela extrema direita, adquiriu um grande respaldo na classe média. Na realidade, a classe média protagonizou essa escalada autoritária no país.

Nas estruturas individuais das massas da classe média, os laços nacionais e familiares coincidem. Esta ligação é intensificada especialmente através de um processo que se desenvolve paralelamente a essa estrutura, e que, na verdade, tem nela a sua própria origem. Na psicologia de massas, o *führer* nacionalista é a personificação da nação. E só se estabelece uma ligação pessoal com esse *führer* se ele realmente encarnar a nação em conformidade com o sentimento nacional das massas. Se ele souber como despertar os laços afetivos da família, nos indivíduos das massas, ele será também uma figura do pai autoritário. Ele atrai todas as atitudes emocionais que foram num dado momento devidas ao pai, severo, mas também protetor e poderoso (poderoso na visão da criança) (REICH, 2003).

O discurso dos meus interlocutores aqui apresentados, seguem esta perspectiva de tradição familiar. O lema: “deus, pátria e família”, foi o cerne desse processo de ascensão do autoritarismo. Todos assistimos perplexos a espiral da história com as velhas camisas verdes e bandeiras do sigma ressurgirem de um obscuro recanto da nossa história, nos mostrando como a vida social cresce em espiral e que velhos processos que aparentam estar mortos, na realidade, apenas se encontravam adormecidos, espreitando na surdina para voltarem à tona com força total.

As colocações mais fortes narradas aqui, repletas de sentimentos racistas, xenófobos, etc., representam esse monstro que emergiu das profundezas do nosso inconsciente coletivo. Esses sentimentos nunca deixaram de fazer parte da nossa coletividade, mas nunca estiveram tão à mostra como agora. O mito da nossa democracia racial, construído com tanto zelo durante décadas à fio, fora substituído por outra espécie de mito - o do grande herói, do grande pai, que às vezes se mostra como caridoso e, outras vezes, severo - mas sempre está lá

para resguardar nossos anseios primitivos por proteção. O pai da pátria em verde oliva, deixa os filhos da pátria seguros para disseminar seus ódios, pois ele lhes dará proteção e guarida.

Esta conjuntura sócio/política fez com que o meu trabalho de campo tomasse um caminho inesperado, a facilidade com que certos discursos surgiam despidos de filtros éticos/morais, me possibilitou uma análise mais concreta do que poderíamos esperar. Senão vejamos.

Alguns estrangeiros, principalmente os oriundos do Sul do país, não fazem a mínima questão de esconder os seus valores segregacionistas e racistas - muito pelo contrário, têm orgulho em expressá-los abertamente. Certo interlocutor, um senhor com mais de sessenta anos de idade, alto e muito branco, morador de um dos residenciais mais caros da praia, entre um gole e outro de whisky, relembra a sua infância e se alegrava de ser alemão, enquanto defendia fortemente a moral nazista. Relembra saudosos os tempos do *Reich* e, discorria cortês sobre as vantagens da educação nazista, orgulhando-se do fato de ter sido criado desta forma e de também ter educado os filhos para serem *gutebürger*¹⁶.

Estava sentado no balcão do bar, conversando com a garçonete, eu já estava um pouco alto, era um fim de tarde com um clima bastante gostoso, não tinha nenhum cliente, exceto eu. Quando, de repente, adentrou ao recinto aquele senhor de aspecto pouco saudável. Ele chegou ao balcão, não cumprimentou nem a mim, nem a garçonete, apenas puxou do bolso uma nota de cinquenta reais e pediu uma cerveja grande. Rapidamente ele pôs a cerveja numa taça e a tomou de apenas um gole, voltou a encher a taça e repetiu o ato anterior. Fiquei estarecido com a voracidade com que aquele homem conseguia tomar a sua cerveja e, inadvertidamente, o saúdo.

Ele parece não se comover com a minha tentativa de estabelecer um diálogo, ainda assim insisto. Percebo pelo seu sotaque que ele é do sul do país e insisto:

- Você é de Maringá?
- (Ele responde prontamente)
- Por que eu seria de Maringá?
- Não sei, conheço algumas pessoas de Maringá que moram aqui.
- Sou de Curitiba e estudei em um colégio nazista, lá também fui professor.
- Qual o nome do colégio?
- Você não conhece.

¹⁶ O termo significa "cidadão de bem" em tradução livre.

Nesse momento da nossa conversa, ele começou a falar em alemão. Eu o adverti que só conheço uma palavra em alemão: *Ichliebedich!*¹⁷ Ele falou, então, que me ensinaria outra palavra: *Prost!*¹⁸ Ergueu a sua taça e continuou:

- Olha! As pessoas falam mal dos nazistas. Mas ali sim tinha disciplina, não havia hierarquia lá no colégio não. Um dia um aluno, filho de um homem rico aprontou na escola e foi expulso, isso é disciplina! Não essa bagunça. Meu pai foi oficial da SS, minha mãe era filha de um côsul, por isso meu pai conseguiu fugir para o Brasil.

Ele narrava sua história com orgulho nos olhos, com brio e certa galhardia. Logo em seguida, começou a explicar sobre a sua forma de viver a vida:

- Eu não ligo se sua barba é feia! Também não ligo se essa menina tem um rosto assimétrico (apontando para a garçonete).

A garçonete ficou completamente desconfortável, assim como eu também fiquei. Mas ele prosseguiu:

- Você sabe os judeus?
- Sim sei.
- Baruch Sabath Adonai!
- Baruch Sabath Adonai!

(Registro de diário de campo, junho/2019)

O diálogo acima é profundamente representativo do momento político do país. Discursos como esses, não poderiam jamais serem públicos em um momento diferente. O discurso nazi/fascista ganhou forças e liberdade para adentrar em todas as esferas da nossa sociedade. O orgulho com que este interlocutor projetava o seu racismo, é revelador da segurança acerca da falta de punição relativos aos crimes contidos nesta fala. O estado policialesco instaurado no país deu forças e resguardo aos discursos de ódio, agora legitimados e preservados pelas instituições militares. O clima de hostilidade e medo disseminado pelos partidários do nazi/fascismo tupiniquim pairavam como uma grande e obscura força sobre o bairro de Intermars.

Mas, ainda mais importante, é a identificação dos indivíduos das massas com o *führer*. Quanto mais desamparado o indivíduo de massa se tornou, em consequência da sua educação, mais acentuada é a sua identificação com o *führer*, isto é, mais a necessidade infantil de proteção é disfarçada sob a forma de um sentimento em relação ao *führer*. Esta tendência à

¹⁷ Forma de cumprimento alemão.

¹⁸ Em tradução livre: Felicidades.

identificação constitui a base psicológica do narcisismo nacional, isto é, a autoconfiança que cada homem individualmente retira da "grandeza da nação". O indivíduo reacionário da classe média se descobre no *führer*, no Estado autoritário.

Devido a esta identificação, se sente defensor da "herança nacional", da "nação", o que não impede que, ao mesmo tempo e também em consequência desta identificação, despreze as "massas", opondo-se à elas como indivíduo. A sua situação material e sexual miserável é escamoteada pela exaltação da ideia de pertencer a uma raça dominante e de ter um *führer* brilhante, de tal modo que deixa de perceber, com o passar do tempo, quão profundamente se deixou reduzir a uma posição insignificante de cega submissão. (REICH, 2003).

Esse discurso de superioridade racial é muito forte naqueles imigrantes do Sul do país. Nos que são originários do centro oeste e do Sudeste, prevalece um discurso de superioridade econômica. A primeira pergunta para quem se aproxima do grupo é sobre sua origem, a partir daí se estabelecem ou não os laços. Logicamente, características fenotípicas são levadas em consideração. Em muitas ocasiões presenciei essas “entrevistas” e geralmente quando a pessoa era branca e nativa, se seguia a sentença: você não pode ser daqui. Não tem cara de paraibano.

Essa ideia de superioridade racial está tão presente no bairro que um dos seus moradores e membro do poder executivo local é homônimo do Reich. *Heil mein Führer!* É uma expressão que aparece sorrateira e em tom de brincadeira em meio às bebedeiras nos churrascos, ou mesmo nos botecos do bairro. Alguns fingem não saber o significado da expressão e, logo desconversam. É nesse clima “amistoso” que as redes de lazer e sociabilidade vão se estabelecendo no bairro.

A maioria dos nativos parecem não entender os significados dessas expressões e, muitas vezes, saúdam o Reich. Alguns poucos e em raros momentos retrucam estas inclinações, parecem mesmo corroborar e assimilar de forma positiva esses valores, nos parece até mesmo um ponto de convergência para integralização das redes de sociabilidades entre nativos e estrangeiros.

Alguns moradores nativos nutrem uma espécie de respeito e de comunhão para com esses valores. Alguns não escondem uma profunda admiração por esta cultura alienígena, daí pensar que o fator de identidade de classe e de raça, seja determinante para a harmonia entre a cultura local e a cultura estrangeira. É o que torna esse local exclusivo. Essa identidade com a ideia de eugenia integra os moradores nativos e estrangeiros numa espécie de comunhão, deixando aqueles que estiverem fora desses paradigmas sujeitos à exclusão social.

É comum ouvir as pessoas se auto afirmarem como sendo de sangue azul. A cor da pele, dos olhos, denota um aspecto de superioridade. Esta ideia de superioridade está sempre pontuando os discursos e criando identidades e fronteiras.

O bairro de Intermares, certamente, não foi pensado como um refúgio democrático, mas como uma fortaleza cercada pelo mar de um lado e pela rodovia de outro. Sua área limítrofe ao oeste é o próprio reflexo da exclusão social vivenciada por tantas cidades brasileiras. A praia do Jacaré é um reduto de uma comunidade pobre e que tem pouco ou nenhum trânsito no bairro, exceto é claro para servir como mão de obra para o comércio local e, como já dito antes, no contexto do grupo aqui estudado, as interações são basicamente nenhuma, uma vez que até como mão de obra primária, os estrangeiros procuram pessoas que também são estrangeiras.

Todos os grupos sociais fazem regras e tentam, em certos momentos e em algumas circunstâncias, impô-las (BECKER, 1973). No caso do grupo aqui estudado nos referimos às regras que não são impostas pelo poder de polícia do Estado e sim as que são sedimentadas pela tradição, neste sentido afirmamos que, no caso dos estrangeiros, certas condutas, entendidas como transgressoras pela tradição local, não as são perante esse grupo. Nesse tópico, me refiro a algumas práticas como o uso de drogas, principalmente do álcool, como fonte de sociabilização, assim como, para práticas sexuais não tradicionais.

Festas do tipo *swing* são bem comuns na vizinhança, todos sabem da existência dessas festas, embora esse seja um assunto bem velado. Os nativos, em sua maioria, não se mostram abertos a essas práticas e, existe uma forte repreensão por parte dos moradores mais tradicionais do bairro. No entanto, as trocas de casais ocorrem e a união entre eles permanecem de forma intacta. Todos seguem sua vida no cotidiano, alguns praticantes são mais reservados, outros mais indiscretos, mas a rede de conexão entre esses casais permanece mesmo que alguns se isolem por um determinado período.

Outro ponto preponderante é sobre o uso de bebidas alcoólicas. Para tal, se quisermos pensar como funciona a estrutura desse grupo, temos que pensar necessariamente no uso do álcool, é ele quem sedimenta todos os encontros e contatos, independentemente do propósito sexual. Mesmo as relações de trabalho se firmam em meio ao uso do álcool, os churrascos são uma forma frequente de sociabilização e, nesse momento, mesmo os empregados participam, até certa medida como iguais.

Os empregados bebem e comem, fazendo parte da “festa” e, em certo sentido, se socializando com os participantes do evento. Entretanto, o constrangimento destes fica patente

e eles assumem uma posição subalterna, inclusive nos gestos, nas expressões corporais, demonstrando que estão ali, aceitando mais uma obrigação do que uma descontração, fica evidente que estão assumindo mais um compromisso para agradar os seus senhores (patrões). Decerto, não estão sendo autênticos. Suas falas são robóticas e sempre prostradas.

Tive a oportunidade de participar de uma festa na comunidade do Renascer, havia apenas funcionários nativos e alguns poucos funcionários estrangeiros. O comportamento festivo dos funcionários é totalmente inverso ao que eles demonstram nessas celebrações junto aos seus patrões. De fato, eles participam apenas pelos proveitos que podem obter, na forma de bebidas e comidas de graça, que representam um extra, um “incremento salarial”. Uma espécie de ticket refeição.

O uso de outras drogas como a cocaína, também é bastante comum. Embora não esteja presente em todos os círculos de estrangeiros, ela está presente e, de certa forma, é até mesmo desagregadora. Os usuários de cocaína parecem formar um gueto à parte, embora não exista uma rejeição explícita a sua convivência em meio ao grupo, os usuários são tidos como “*hard core*”. Em certa medida, até são admirados como sendo os mais “radicais”. Todavia, existe mesmo que inconfesso, um estigma sobre estes membros da “tribo”.

O álcool, por sua vez, é a droga consensual e, são nos bares, nas casas e nos churrascos que muitas das relações são construídas. Os grupos se abrem e se fecham o tempo todo, círculos são feitos e desfeitos a todo momento, mas a unidade rígida hegemônica permanece, mesmo em face de fatores desagregadores quaisquer. Geralmente ocorrem dissoluções temporárias desses grupos em decorrência de atritos causados pela competição dos negócios.

A respeito do grupo de estrangeiros, mais precisamente, sobre o núcleo composto por pessoas mais jovens, posso afirmar que estes adotam um comportamento notadamente desviante do conjunto da sociedade. As sociedades, no entanto, têm grupos dominantes e grupos desviantes, assim como tipos diferentes de desvio. Becker (2002) propõe um modelo sequencial para pensar o desvio. Após classificar tipos de comportamento desviante de acordo com as percepções e o grau de publicidade dos atos, o autor reflete acerca da adesão de indivíduos a padrões de comportamento desviantes a partir de uma perspectiva sequencial, a qual envolve não somente atos isolados e eventuais acusações, mas aprendizados específicos. O comportamento normal das pessoas em nossa sociedade (e provavelmente em qualquer sociedade) pode ser visto como uma série de compromissos progressivamente crescentes, com normas e instituições convencionais.

Evidentemente aqui surge uma grande contradição nesse núcleo mais jovem, embora muitos se digam avessos às questões políticas, todos aderiram ao discurso autoritário como que em frenesi, o que se explica através do processo de alienação, congregado à pouca disposição do grupo a realizar qualquer esforço cognitivo. São pessoas técnicas, executam um trabalho mecanicamente em troca do seu resultado venal, pensar sobre os processos que decorrem dessas relações é algo aborrecido e desnecessário, segundo sua óptica.

Um destes pontos era formado por um conjunto de trailers à beira-mar, onde se davam importantes encontros todos os fins de semana. Esse local passou a ser mais importante para essa pesquisa, antes de deixar de existir (explicarei adiante). Logo, ao se adentrar no bairro, pela orla, se podia observar um pequeno grupo de trailers estacionados à margem do calçadão da praia, estes pequenos comerciantes faziam parte do grupo de estrangeiros aqui estudados, com exceção de um nativo.

As tensões eram muito frequentes entre os estrangeiros e o nativo. O José, que era o único nativo no grupo, se auto intitulava como “proprietário” do ambiente e, isso dava motivos para muitas controvérsias e deboches. José sempre definia quais os produtos que poderiam ser vendidos e por quem, agia mesmo como o gerente de uma empresa, dando ordens e estabelecendo a rotina do local, além é claro de determinar quem poderia ou não fazer parte do negócio.

Mesmo isolado do grupo de estrangeiros, que o tratavam com desdém e deboche, o nativo demonstrou seu domínio através da força. Era um sábado ensolarado de janeiro de 2019, dia bom para a prática do surf, dia de descontração para os bebedores de cerveja que frequentavam aquela parte da praia. Meu telefone tocou por volta das onze da manhã, na linha, um dos estrangeiros, que é agente de segurança pública, me informando que o *point* acabara de ser dissolvido.

A disputa por hegemonia naquele espaço da praia acabara de se transformar numa contenda entre o nativo e um dos estrangeiros. Este embate viria a extinguir o *point* da praia. Ainda permaneceram alguns estabelecimentos funcionando por mais uma ou duas semanas, mas o afastamento dos estrangeiros levou embora também a clientela que era composta majoritariamente por estrangeiros. Se por um lado, o nativo mostrara sua força determinando sua prevalência e domínio no local, por outro, os estrangeiros acabaram por demonstrar sua força enquanto grupo, souberam como isolar economicamente o nativo que acabou por desistir do seu negócio, embora ainda se possa ver o seu trailer (fechado), o único a permanecer na localidade, demarcando o seu território.

Podemos perceber, a partir do fato narrado acima, como se dá a coesão entre o grupo de estrangeiros. A lealdade entre eles é imperativa. Não se pode entrar numa contenda sem que o grupo não se una em torno do seu membro ameaçado. Esse não foi o único episódio de violência no *point*, mas foi o responsável por sua fratura em princípio e, logo em seguida, deu cabo à sua existência.

Mas o *point* não pode ser entendido como um lugar fixo, a dinâmica do grupo de estrangeiros é nômade, não tem uma face definida e, é sempre reconstituída. Uma das lógicas que pude perceber, especialmente no tocante aos negócios, é que não existe um anseio de se construir uma identidade, ou mesmo, ter a pretensão de que o empreendimento se perpetue no tempo. A ideia é de movimento, o *point* muda a cada semestre, no máximo a cada ano.

A ideia é sempre montar o *point* e depois repassá-lo. Nesse repasse se encontra o lucro à grosso modo, embora nenhum dos meus interlocutores admitam essa prática; ela é bastante óbvia. Logicamente que o grupo de *habitués* migram junto com o estabelecimento para o próximo *point* e são essas redes de interações que permanecem, independentemente do local que fazem o *point*.

Os conflitos em muitas medidas, entre nativos e estrangeiros se dão em decorrência da percepção de boa parte dos nativos, de que os estrangeiros estão a tomar seus espaços. As desavenças são múltiplas, mas a lógica de grupo sempre prevalece. Durante toda a minha pesquisa não pude observar a ação individual de forma alguma, em todos os momentos da vida social o grupo está formado e coeso, uns protegendo os outros e todos que se aproximam estarão sob ataque se, supostamente, forem entendidos como ameaça à unidade do grupo.

A coesão do grupo é extremamente forte. Em muitas conversas, nos momentos mais descontraídos, se falava sobre os relacionamentos entre nativos e estrangeiros. Certa vez, não me fiz de rogado e perguntei a uma das minhas interlocutoras (mãe de dois filhos pré-adolescentes) sobre a possibilidade de eles se relacionarem afetivamente, e sua resposta foi tácita: “desde que não casem com nativos, está tudo certo”.

A endogamia então se confirma como prática comum entre o grupo de estrangeiros, são raros os casos de pessoas que se casaram fora dessa lógica. Evidente que devemos levar em consideração a faixa etária do grupo aqui estudado. Existem estrangeiros que, como já mencionado anteriormente, chegaram por aqui logo que o bairro se formou, a lógica de uma comunidade estrangeira em solo nativo não é contemporânea e sim extemporânea.

Maurício é natural do estado do Paraná, chegou ao bairro na década de setenta junto com a sua então esposa (hoje eles são divorciados), tiveram dois filhos depois que se

acomodaram no bairro. Os dois são aposentados e trabalhavam no INSS. Dos filhos do casal, apenas um ainda mora no Nordeste, na cidade de Natal/RN. O filho mais velho retornou ao estado de origem do pai e mora hoje em Curitiba. Maurício demonstra forte carinho e apego pelo bairro de Intermares, não pretende deixá-lo, não tendo pretensões de regressar à sua terra natal. Entretanto, esse sentimento de pertencimento e afeto com relação ao local parece não ter se firmado em seus descendentes. Perguntei-lhe o porquê de seu filho ter ido morar em Curitiba e a resposta veio em tom solene:

- Olha meu! Lá as coisas são melhores, a cidade é muito organizada. É uma outra cultura, mais civilizada. Somos parecidos com a Europa, né?! É melhor para ele estar lá.

(Registro de diário de campo, outubro/2019)

Essa fala é reveladora da dicotomia que aflige os estrangeiros nessas terras, ao mesmo tempo que nutrem um carinho e apego pelo território, pelos aspectos físicos do local, pelo exotismo, representado através dos coqueirais e praias paradisíacas, há uma desarmonia profunda com a realidade social e cultural do território ocupado por eles. Ao mesmo tempo em que se sentem parte do ambiente local, renegam a ideia de pertencimento, daí a negação em relação aos relacionamentos afetivos entre nativos e estrangeiros contidos em diversos diálogos que foram apresentados nesta etnografia.

E essa comunidade desde os seus primórdios se forma com base na política do estrangeiro, galgada em seus valores e de acordo com as suas pretensões. Esta ordem de prevalência é quebrada em alguns momentos através dos choques entre os estrangeiros e os nativos de mesma classe social. A tensão se materializa e, em algumas ocasiões, se formam as contendas.

O discurso dos estrangeiros parece, em certa medida, uma afronta ao sentimento de “propriedade do local” dos nativos: Quem é que manda aqui? Quem são os estrangeiros?

4.3. Distopia Urbana

Até aqui tenho tentado demonstrar como a construção da identidade cultural do bairro de Intermares se dá a partir das relações de convivência entre duas culturas distintas e antagônicas que se elidem, se consomem e se transmutam dando origem a aura da localidade. Entendemos a etnografia como um processo que se inicia com a sedimentação teórica,

passando por um denso trabalho de campo e que se expressa, por fim, na escrita. Embora esses processos pareçam estar deslocados entre si no tempo e no espaço, o que na realidade ocorre é exatamente o oposto, estes processos estão intrinsecamente ligados de forma tão profunda que em qualquer das etapas descritas anteriormente o todo se faz presente.

A etnografia, portanto, transcende as etapas que a compõem, sendo uma em todo procedimento. Assim, quando estamos nos debruçando sobre a teoria, vislumbramos o campo. Quando estamos em campo mentalizamos e realizamos a teoria e, por fim, quando passamos a escrita adentramos numa dimensão única, onde revivemos o campo e a teoria, unindo-as e revivendo-as em toda sua intensidade e dinâmica.

Relatei durante o transcurso desta etnografia como o bairro de Intermares representa o sonho de realização pessoal, de um lugar no imaginário, especialmente da classe média, representativo da ascensão social e do prestígio que esse deslocamento assegura dentro da estrutura social.

O sonho de morar na praia, em um bairro nobre é especialmente almejado por aqueles que têm sua origem em outras regiões do país. O Nordeste parece fazer parte do arcabouço estereotípico de uma região a ser desbravada, como foram outrora os sertões. A região aparece sendo representada como um lugar insólito e habitado por indivíduos famélicos e brutos, vivendo em extrema pobreza e em desgraça absoluta, e como uma região caracterizada pelas suas belezas naturais e suas praias paradisíacas e inexploradas. Os estrangeiros aqui estudados demonstraram como essa dicotomia faz parte da fantasia que se tem do que seja o Nordeste.

O Nordeste é uma invenção, já dizia o cantor e compositor cearense Belchior. E, ao chegarem nestas terras inóspitas muitos dos estrangeiros se deparam com uma realidade completamente diferente daquela reproduzida no imaginário das regiões Sul e Sudeste do Brasil. Encontram uma vida urbana pulsante, uma cultura efervescente e, de certo modo, forte resistência às aspirações de se colocarem como protagonistas do cenário socioeconômico local.

Do ponto de vista ideológico demonstramos que os estrangeiros comungam dos mesmos valores de classe que os moradores nativos do bairro. A ideia utópica de morar numa localidade, distante dos problemas comuns e corriqueiros das grandes cidades do país, e ao mesmo tempo usufruindo de todos os serviços inerentes a esta lógica de conforto promovidos pela forma organizacional das sociedades de consumo, parecia indubitavelmente se corporificar na rotina do bairro.

No imaginário da maioria dos moradores de Intermares está presente a ideia de superioridade, inerente ao status que a classe social possibilita dentro do sistema de estratificação social peculiar da sociedade brasileira. Assim, considera-se que aqueles que moram no bairro, independentemente de sua origem regional, se sentem como parte de uma elite local. Se existe uma hierarquia de bairros, existe uma hierarquia na sociedade (VELHO, 1982). A questão da localidade “exclusiva” determina as diferenças de prestígio e status. Essas diferenças também criam categorias hierárquicas dentro do próprio bairro. O prédio, assim como a rua onde se reside, dentro do bairro, são fatores de distinção e ordenação social.

Se a migração norte/sul se dá, em sua maioria, no sentido pela busca de trabalho com baixa e/ou pouca especialização, o circuito inverso sul/norte se dá, majoritariamente, por pessoas com certo poder econômico que buscam esta região como moradia definitiva e pretendem explorar economicamente as riquezas naturais da região.

Resumindo, em linhas gerais, boa parte do migrante do Norte é o pobre em busca de garantir sua sobrevivência nas metrópoles do sudeste do país, especialmente Rio de Janeiro e São Paulo, atraídos pela possibilidade de empregos na indústria e/ou nos serviços domésticos. Essa baixa qualificação por si só, reforça o estereótipo do nordestino como inferior. Essa imagem construída pelas próprias desigualdades regionais que assolam o país projeta no estrangeiro que vem residir aqui, a pretensão de superioridade.

Para alguns nativos, especialmente para aqueles provenientes das camadas mais baixas da sociedade, este estigma acaba se incorporando em sua personalidade e nas suas práticas sociais, de forma a aceitar subservientemente o domínio cultural/social exercido pelos estrangeiros. No caso de diferenciais de poder muito grande e de uma opressão correspondentemente acentuada, os grupos *outsiders* são comumente tidos como sujos e quase inumanos. A autoimagem e a autoestima de um indivíduo estão ligadas ao que os outros membros do grupo pensam dele (ELIAS; SCOTSON, 2000).

Imagens e estereótipos auxiliam na produção de elementos de valorização de um, e a estigmatização de outros, assim como, ajudam na incorporação da identidade negativizada pelo grupo inferiorizado (desqualificação), dificultando a esse adotar estratégias de contraposição. Os estrangeiros dentro dessa lógica de desvalorização do outro, dos de dentro, se impõem como tendo uma humanidade superior, basicamente indo no sentido inverso do caso estudado por Elias e Scotson, onde os mais antigos estigmatizam. No caso desta etnografia, ocorre o inverso. O orgulho por encarnar o carisma do grupo e a satisfação de pertencer a ele e de representar um grupo poderoso [...] estão funcionalmente ligados à

disposição dos membros de se submeterem às obrigações que lhe são impostas pelo fato de pertencerem a esse grupo (ELIAS; SCOTSON, 2004).

As diferenças culturais/sociais/raciais/étnicas entre os grupos aqui estudados fomentam as desigualdades que caracterizam a sociedade brasileira. Como demonstramos anteriormente, o período em que transcorreu este trabalho é bastante expressivo no que diz respeito ao empoderamento dos discursos de ódio e das práticas violentas e sectárias que assolam o país.

As instituições democráticas sofreram incessantes ataques durante este espaço de tempo e, de forma dialética, esse processo interfere nas já conturbadas relações entre as culturas exógenas e endógenas - embora exista um certo esforço de união entre um grupo minoritário tanto de nativos quanto de estrangeiros que pensam a localidade como reflexo do país e desejam que as relações entre eles sejam mais democráticas. Importante salientar que as diferenças, sejam elas de quais espécies forem, não devem ser entendidas como empecilho à integração do indivíduo na comunidade, muito pelo contrário, as diferenças são *conditio sinequa non* para o desenvolvimento das sociedades democráticas, nas palavras de Hannah Arendt:

A pluralidade humana, condição básica da acção e do discurso, tem o duplo aspecto da igualdade e diferença. Se não fossem iguais, os homens seriam incapazes de compreender-se entre si e aos seus antepassados, ou de fazer planos para o futuro e prever as necessidades das gerações vindouras. Se não fossem diferentes, se cada ser humano não diferisse de todos os que existiram, existem ou virão a existir, os homens não precisariam do discurso ou da acção para se fazerem entender. Com simples sinais e sons poderiam comunicar as suas necessidades imediatas e idênticas. Ser diferente não equivale a ser outro – ou seja, não equivale a possuir essa curiosa qualidade de «alteridade», comum a tudo o que existe e que, para a filosofia medieval, é uma das quatro características básicas e universais que transcendem todas as qualidades particulares. A alteridade é, sem dúvida, um aspecto importante da pluralidade; é a razão pela qual todas as nossas definições são distinções e o motivo pelo qual não podemos dizer o que uma coisa é sem a distinguir de outra. (ARENDT, 2002, p. 47).

A construção da identidade democrática do bairro tem sido um exercício árduo, tendo em vista as tensões nas relações entre nativos e estrangeiros, ainda que de maneira dissimulada. Se imaginarmos o bairro como representação utópica do desejo da classe média de um ambiente excludente, higiênico e exclusivo – onde, pode-se exercer a pretensa superioridade social e racial e os moradores podem se sentir privilegiados por usufruírem de uma condição que é limitada materialmente a muitos brasileiros. Concatenada à suposição de que, tudo isso é a externalização do que é almejado num sistema social baseado na

desigualdade social, estruturada nos princípios da segregação racial e de classe. Então, podemos entender que os atritos se tornam constantes, exatamente porque existem pequenas fraturas que se expõem a todo tempo dentro dessa lógica utópica.

Ao mesmo tempo em que não se aceita o outro, existe a necessidade do outro. O freguês, o ajudante, o funcionário, o fornecedor, etc. A ocupação do bairro se dá em função do atributo da renda, aliado ao prestígio social inerente. Parece evidente que a ênfase dada a esse processo, determina a mobilidade social. Chegar a esse lugar é uma aspiração que só pode pertencer aos “vencedores”. As relações interpessoais sempre se estabelecem em consonância com o estrato social a que se pertence. Por isso, nos diálogos, no estabelecimento dos vínculos de amizade, existe sempre grande preocupação com a função que o indivíduo ocupa e com o valor do salário recebido.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho procurei descrever o modo de funcionamento das relações intergrupais entre aqueles que chamei de estrangeiros e os nativos. Essas relações me pareceram extremamente delicadas, estando mesmo no limiar de uma certa ruptura.

Pensar o bairro de Intermares como sendo representativo de uma esfera da sociedade brasileira que se reproduz em todas as grandes metrópoles, com seus valores e conceitos próprios dos cidadãos de classe média, nos fez refletir sobre o senso/dissenso dentro da própria classe média em relação aos seus próprios membros com outra formação cultural. A questão do bairrismo/xenofobismo transcorre todo o texto e em certa medida é representativo de uma estratificação social. Quando analisamos os lugares excludentes formados pelos estrangeiros, percebemos que mesmo que exista certa identidade do ponto de vista da classe social, os valores culturais exercem forte influência sobre a conotação do grupo.

Uma análise sincrônica poderia enxergar nas relações estabelecidas, a partir do pressuposto da origem regional/cultural, grande apelo à ideia de superioridade racial que, por sua vez, estabelece uma relação pretensamente hierárquica entre os estabelecidos e *outsiders* para utilizarmos a linguagem de Elias e Scotson. Neste caso, estabeleci um paradoxo, pois aqui os estigmatizados não são os de fora e sim os já estabelecidos na localidade (nativos).

O racismo é tanto evidente como dissimulado, como tive oportunidade de demonstrar através de alguns diálogos transcritos no decorrer deste trabalho. A ideia de democracia racial que habita o imaginário do homem médio brasileiro, de forma desavergonhada, é posta em xeque a todo momento nas relações sociais entre nativos e estrangeiros.

Reuni neste trabalho, diversos elementos que demonstram o segregacionismo entre os grupos de dentro e de fora. Estava preocupado com as representações dos meus interlocutores, de como eles me enxergavam. Embora eu não tenha tido dificuldades em estar “dentro” do grupo de estrangeiros, durante o trabalho de campo me senti, em muitos momentos, hostilizado e repellido pelo grupo, algo marcadamente forte dentro do contexto da pesquisa, exatamente porque expunha o meu não pertencimento ao grupo e, ao mesmo tempo, reforçava a lógica supremacista.

O racismo pode ser caracterizado, segundo Silvio Almeida, em três esferas distintas: a individualista, a institucional e, por fim, a estrutural. Creio ter conseguido narrar, de forma segura e evidente, diversas manifestações do racismo dentro dessas três esferas no decorrer desta etnografia. O racismo individual, que se manifesta nas ocasiões mais corriqueiras do

dia-a-dia de forma naturalizada nas relações sociais, nas ações dos indivíduos, encontra sustentação nas políticas. É no interior das regras institucionais que o indivíduo se torna sujeito, visto que suas ações e seus comportamentos são inseridos em um conjunto de significados previamente estabelecidos pela estrutura social, portanto, o momento político do Brasil contribui de forma imensurável para a fomentação acentuada destas práticas.

Decerto, que as práticas racistas e xenofóbicas estão profundamente enraizadas na cultura nacional, mas, não podemos deixar de denunciar a exacerbação dessa prática em decorrência de um momento histórico conturbado que, em certa medida, tentamos entender, mas que pode ser melhor aprofundado em outro momento e em outros estudos mais circunstanciais e aprofundados que se utilizem de maneira mais robusta à análise da psicologia social.

Com efeito, ao longo de todo este trabalho, situei o território ocupado pelo imigrante e as suas práticas xenofóbicas/racistas conflitantes com a cultura nativa. Embora existam pontos de convergência entre os grupos, especialmente no que se refere às questões inerente à classe social, a disputa entre os “iguais” pelo domínio da hegemonia é forte fator de tensionamento que, inclusive, culmina em atos de violência física e verbal.

Nesse sentido, a prática do racismo é condicionante das próprias relações sociais estabelecidas dentre o grupo de estrangeiros. A estigmatização do outro é parte essencial do seu projeto de domínio da cultura nativa. Dissemos que o racismo se revela também nas práticas institucionais, que reafirmam e legitimam as práticas individuais do racismo. Podemos acrescentar que as instituições têm suas ações condicionadas a uma estrutura social previamente existente. A sociedade está organizada em um modo de socialização que tem o racismo como um de seus componentes orgânicos. (ALMEIDA, 2018).

O bairro de Intermares, a partir de meados da década de noventa, do século passado, passou a simbolizar prestígio social. A área, que antes era uma grande fazenda de cocos (Figura 1), passou a ser alvo de forte campanha das empresas do ramo da construção civil, passando a habitar o imaginário da classe média como representação da ascensão social. Já nessa época, muitos estrangeiros vieram residir nesta localidade, estes reivindicam para si o pioneirismo e de forma simbólica o exercício do domínio sobre o bairro.



Figura 1. Praia de Intermares - 1970.

Vemos que, desde a sua formação, a influência e o domínio do território do bairro de Intermares sempre esteve relacionado ao consórcio dos estrangeiros. Nessa perspectiva, podemos afirmar que este recanto da cidade, desde suas origens foi pensado para os que vêm de fora. As grandes construtoras que deram início ao projeto do bairro, pensaram-no como um recôndito para aposentados oriundos das regiões mais ricas do país.

Logo, podemos enunciar que o bairro nasce como um lócus de certa maneira, impróprio aos nativos. O bairro foi pensado, a princípio, para os que vêm de fora. Na fotografia abaixo podemos identificar o desenvolvimento urbano do bairro. A antiga área rural se transformou num promissor mercado imobiliário (Figura 2).



Figura 2. Intermars 1.

A identidade cultural do bairro está diretamente relacionada aos estrangeiros, são eles que detêm boa parte dos imóveis e também das áreas ainda disponíveis para construção (Figura 3). A movimentação comercial, especialmente no que se refere ao lazer, é controlada também por eles. A própria linguagem, os dialetos, a cultura do bairro são intensamente influenciados pela colônia dos estrangeiros. Anda-se pelo bairro e pouco se ouve do sotaque nordestino.



Figura 3. Intermars 2.

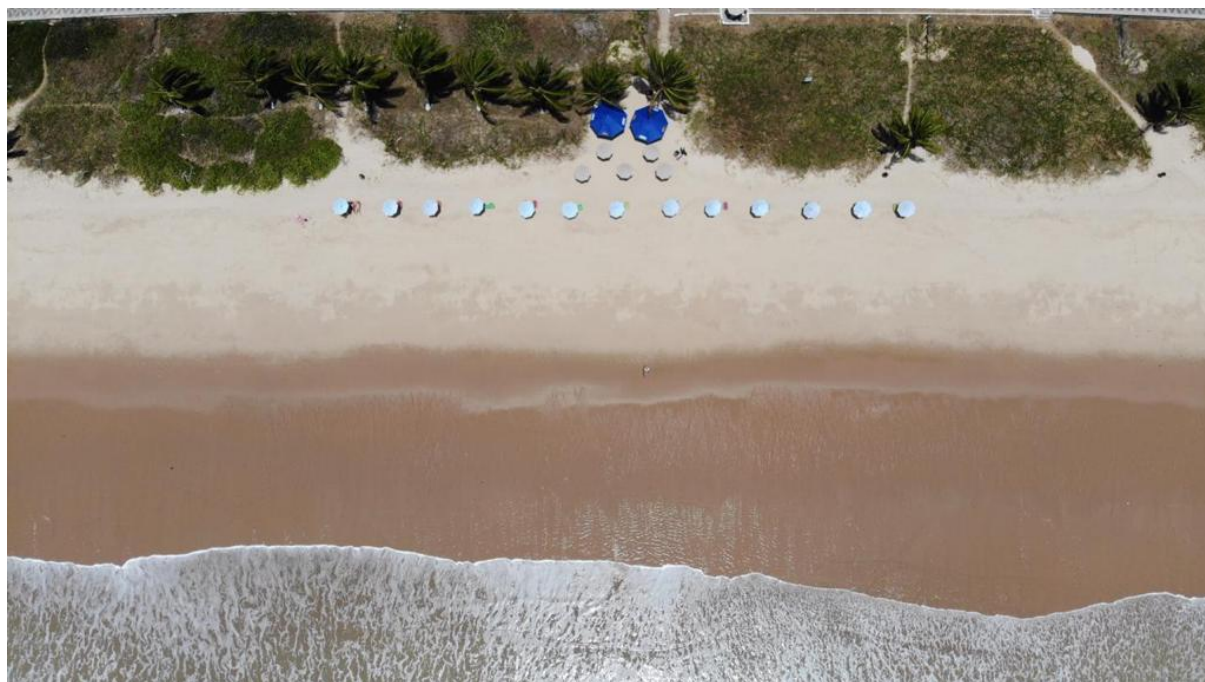


Figura 4. Intermares 3.

Os “*points da galera*” estrangeira, que são sempre mutantes e mutáveis, representam o forte laço que define a comunidade; aberta em aparência, fechada em sua essência. As fotografias acima se referem ao espaço onde decorreu grande parte do meu trabalho de campo. Esse trecho da praia (Figura 4) esteve fortemente relacionando com o desenvolvimento das teias relacionais descritas ao longo desta etnografia.

Embora a mutabilidade seja a essência da tribo estrangeira, este enclave simboliza a ideia de pertencimento e transformação contida no ideal dos estrangeiros. O comércio dos estrangeiros está voltado ao atendimento das suas próprias necessidades, e ao atendimento de outros estrangeiros que estão de passagem. Os traços culturais em comum exercem a atração ao *point*: estar em casa mesmo estando distante. Os estrangeiros buscam as particularidades físicas e geográficas do lugar, ao mesmo tempo que se distanciam do contato social/cultural.

Morar no bairro de Intermares representa, na ótica de seus moradores nativos e/ou estrangeiros, um prestígio residencial. A própria urbanização da praia é decorrente dessa lógica estritamente capitalista/calvinista de bênção em decorrência do trabalho.

Pude notar que nenhum dos meus interlocutores se questionou a respeito dos seus próprios privilégios de classe. Sempre se referindo às suas conquistas como única e exclusivamente derivadas de seus próprios méritos e esforços. Nesse ambiente, demarcado

pela força do poder de quem manda e de quem tem as armas e as instituições atreladas à sua defesa, se constrói uma identidade de superioridade que flui em todas as esferas do bairro. Mesmo o mais pobre morador é engolido por esta aura de superioridade, ainda que se curve a uma hierarquia imposta, de forma vassala, se regozija na autoafirmação de superioridade em decorrência do privilégio residencial que lhe é imputado.

Logo, podemos concluir que o desejo de paraíso anteposto no desejo de residir no bairro, representaria a trajetória do vencedor, bem ao estilo americano (*winner*) e se dissolve em suas próprias contradições, uma vez que não existe e nem pode existir homogeneidade no bairro. O sonho exclusivista se torna um pesadelo, sendo o próprio bairro representação micro cósmica das grandes desigualdades sociais existentes na nossa sociedade. O universo do bairro está diretamente relacionado aos privilégios de classe e raça. Nisso consiste a sua distopia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Trad.: RAPOSA, Roberto. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ARON, Raymond. **As etapas do pensamento sociológico**. Trad.: BARTH, Sérgio– 7. ed.(coleção tópicos). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BECKER, Howard S. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2008.

BOBBIO, Norberto. **A era dos direitos**. Trad.: COUTINHO, Carlos Nelson. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

_____. **Dicionário de Política**. 7. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1995.

DRUMOND, MaryPimentel. **Elementos para a análise do machismo**. São Paulo: Perspectivas, v. 3, 1980, p. 81-85.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, Jonh. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Trad.: RIBEIRO, Vera. 41.ed. Rio de Janeiro: Ed.: Jorge Zahar, 2000.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Trad.: ALBUQUERQUE, Maria Thereza da Costa; ALBUQUERQUE, J. A. Guilhaon. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In.: TADEU DA SILVA, Tomaz (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Ed.: Vozes, 2000.

_____. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. 6. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2001.

PERLONGHER, Néstor. **Territórios marginais**. São Paulo: Saúde Loucura, v. 4: Grupos e Coletivos, Hucitec, 1993.

PINHO, Relivaldo. Clifford Geertz (1926-2006). In: ROCHA, Everardo; FRID, Marina (Org.). **Os antropólogos: clássicos das Ciências Sociais**. Petrópolis: Vozes, Ed. PUC, v. 1, 2015, p. 251-264.

REICH, Wilhelm. **Psicologia de Massas do Fascismo**. Trad.: MACEDO, Maria da Graça M. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

SIMMEL, Georg. **As Grandes Cidades e a Vida do Espírito**. Trad.: MORÃO, Arthur. Covilhã: Coleção Artigos LUSOSOFIA. Universidade da Beira Interior Covilhã, 2009.

_____. **O estrangeiro**. RBSE. v. 12., 2005, p. 265.

STRATHERN, Marilyn. **Fora de contexto: as ficções persuasivas da antropologia**. São Paulo: Terceiro Nome, 2013, p. 160.

VELHO, Gilberto. **A Utopia Urbana: um estudo de antropologia social**. Rio de Janeiro: Ed. ZAHAR, 1973 (1ª edição); 1989 (5ª edição).

_____. **A grande cidade brasileira: sobre heterogeneidade e diversidades culturais**. Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1986.

_____. **Identities Nacionais e Cultura Popular: o diálogo entre antropologia e folclore**. Rio de Janeiro: Série Encontros e Estudos Cultura Material Identidades e Processos Sociais, v. 1, 3. ed., 2000, p.7-11.

WEBER, Max. **Ciência e política: duas vocações**. São Paulo: Cultrix, 1968.

_____. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Pioneira, 1983.

_____. Ação e relação social. In: FORACCHI, M. M., MARTINS, J. S. (Org.). **Sociologia e sociedade**. Rio de Janeiro: LTC, 1978.

_____. **Economia e sociedade**. México: Fondo de Cultura Económica, 1994.